

# Ficção

\* “Tchingunzo nya Tangwa”

Tendo adoecido a mãe do “tshingunzu” (morcego), foi este ao encontro do sol, a conselho do adivinhador, para que lhe curasse sua mãe.

# BONECA DE PANO

Copyright© 2006, by Vários Autores  
& União dos Escritores Angolanos

**Organização**

Adriano Botelho de Vasconcelos,  
Tomé Bernardo e Neusa Dias

**Capa**

Desenhos na Areia

**Revisão**

Ana de Sá

**Verbetes do Escritor**

[www.uea-angola/link:bioquem](http://www.uea-angola/link:bioquem)

**Design Gráfico e Impressão**

Zoomgraf-k

Depósito Legal N° 2949/06

Tiragem: 1000 exemplares

2ª Edição: Luanda 2006

Colecção: «Sete Egos» N° 9

Todos os direitos desta edição à UEA

**E-mail:** [uniaoea@yahoo.com.br](mailto:uniaoea@yahoo.com.br)

[uea@uea-angola.org](mailto:uea@uea-angola.org)

**Site:** [www.uea-angola.org](http://www.uea-angola.org)

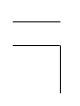
**Fax:** 222-323205 **Telefones:** 222-323205/222-322221

ADRIANO BOTELHO DE VASCONCELOS  
NEUSA DIAS  
TOMÉ BERNARDO

**BONECA DE PANO**  
Colectânea de Contos Infantis



União dos Escritores Angolanos  
«Sete Egos»



**Os tesouros que sedimentam  
o nosso património cultural  
Abreu Paxe \***





Esta Colectânea de contos infantis constitui uma experiência digna de louvor. No tempo da literatura angolana, a literatura infantil ainda é jovem. Ela só ganha corpo e expressão, precisamente, depois da independência, isto é, com a criação da UEA.

Ao aproximarmos aos trinta anos de existência de Angola como país independente e soberano, com ele surge e desenvolve-se a literatura infantil, quero dizer, a publicada em livro.

Sentimo-nos embaraçados, quando o Secretário-geral, Adriano Botelho de Vasconcelos, nos solicitou, ou seja, nos indicou a fim de que prefaciássemos este livro, ao mesmo tempo que tomávamos isto como um desafio. Sem, no entanto, ignorarmos as nossas limitações nesta matéria. E, ainda por cima, por se tratar da primeira experiência num trabalho que aglutina *os pesos pesados* da literatura infantil angolana.

Ao assumirmos tal responsabilidade, nesta obra, achamos que nos compete esclarecer alguns aspectos ligados à sua estrutura e organização e que podem, conseqüentemente, facilitar a leitura. Ela representa textos narrativos que poderíamos definir em termos genealógicos como contos narrativos de ficção, uma vez que são aqueles que impressionam a criança, e não só. Possuem no entanto, condimentos fictícios. Aqui a imaginação e a fantasia criaram seres reais abrindo a estes seres qualidades que não lhes pertencem.

O fruto desta faculdade leva-nos a constatar que ela aponta para os mesmos objectivos: divertir e instruir para as orientações básicas,

a dimensão lúdica e a intencionalidade, dando assim, satisfação às coisas reais do nosso espaço, tempo e das leis da natureza.

Os contos têm algo de extraordinário e de sobrenatural, quando personificam animais, frutos, tubérculos e plantas.

Estes contos, alguns com vestes da literatura tradicional oral, são na sua quase totalidade destinada a um público-auditório indiferenciado no respeitante a classes etárias ou sociais. São contos de tipo pragmático, visando incutir, nos seus consumidores, um estado de predisposição que os leve a encontrar respostas na actuação prática contra eventuais agressões – do meio onde estejam inseridos – de ordem moral e física.

Pode-se notar nestes contos, como da praxe, a convivência entre homens e animais. Entre homens e outros seres orgânicos, acima aludidos. A transferência para estes seres: do mar, da vida, do nosso mundo e dos outros. Coisas sobre os mundos: visíveis e ocultos, o mundo do mistério.

Nesta antologia foram reunidos, apenas, 12 (doze) escritores, embora se reconheça que sejam poucos os que escrevem para crianças em Angola. Os escritores aqui reunidos, como pequena amostra, por consequência aparecem com uma média de 2 dois contos cada. Vamos indicá-los consoante aparecem ordenados com os respectivos contos, nomeadamente: Cremilda de Lima com dois contos “O Aniversário de Vavô Imbo” e “O Nguiko e as Mandiocas”; Costa Andrade com o conto “O Castigo da Raposa”; Gabriela Antunes com o conto “Kibala, o Rei Leão”; Henrique Guerra com o conto “O Caçador, o Jacaré, e a Pedra Negra”; Jorge Macedo com os contos “Tão! Tão! Tome o Pato”, “A Noite, a Árvore e o Passarinho de Bibe Maravilha” e “Jójó, o Menino de Olhos de Bimba”; José Samwila Kakweji com os contos “A Lebre e o Mocho” e “A águia e as Galinhas”; John Bella com o conto “A Canção Mágica”; Maria João com o conto “A Viagem das Folhas do Caderno”; Maria Eugénia Neto com os contos “O Bicho das Patas Mil”, “A Trepadeira que Queria Ver o Céu Azul”; Maria Celestina Fernandes com os contos

“Os Dois Amigos” e “As três Aventuras”; Raúl David com os contos “A Palanca Vaidosa”, “A águia e o Candimba”; Yola Castro com os contos “O Lápis de Cor Rosa”, “As duas Magueiras”.

Nessas condições, é tentador subestimar e menosprezar a importância da literatura infantil e dos que a produziram e que a produzem como projecto de desenvolvimento geral e relegar para o último plano este tipo de preocupações. É verdade que esta Colectânea de contos infantis não culmina forçosamente com uma mudança brusca da situação deficitária que esta literatura desempenha no sistema do ensino – As crianças não lêem e poucos, se não nenhuns, são os professores que levam um livro para a escola, para com ele ajudarem as crianças a criarem hábitos de leitura, se bem que se possa constituir, provavelmente, numa ferramenta essencial do processo de ensino e aprendizagem, logo um livro escolar, o que pode obrigar os alunos a utilizarem-no.

É difícil, geralmente, convencer os países e seus pares do valor da literatura infantil angolana já que os livros, no seu cômputo geral têm entre nós, uma utilização penosa, por um lado. Por outro lado, o que se publica em Luanda não chega às províncias, que já de si possuem uma vida cultural - isto no sistema de ensino em Angola - muito mais pobre.

É evidente, enfim, que face à diversidade cultural característica do nosso espaço nacional, o importante é que, para nós, e outros países de África, falemos, ou melhor, enaltecamos os valores deste grande tesouro que sedimenta o nosso património cultural, a nossa alma, que é a literatura tradicional oral, como subsídio, de certo modo, da literatura infantil, já que o contrário pode contribuir ainda mais para a limitação dos horizontes da criança angolana. Carpe diem, já dizia Horácio.

Ingombota, em Luanda aos 9 de Julho de 2004.

• Escritor e Membro da UEA



# Costa Andrade

---

Fernando da Costa Andrade nasceu no Huambo aos 12 de Abril de 1936. Obras Publicadas: «Terra da Acácias Rubras» (1975), «Um Ramo de Miosótis» (1970), «Armas Com poesia e Uma Certeza» (1973), «Poesia Com Armas» (1975), «O Regresso e o Canto» (1975), «O Caderno dos Heróis» (1977), «No Velho Ninguém Toca» (1978), «O País de Bissalanka» (1979), «Histórias de Contratados» (1980), «O Cunene Corre Para o Sul» (1981), «Ontem e Depois» (1985), «Falo de Amor Por Amor» (1985), «Lenha Seca» (1989), «Os Sentidos da Pedra» (1989), «Memória de Perpura» (1990), «Lwini» (1991), «Luanda» (1997), «Terra Gretada» (2000), «Antúrio de Naufrágio» (2005) e «Com Verso Comigo» (2005).



## O Castigo da Raposa

Depois de muitas queixas sobre a falta de tranquilidade, sobretudo à noite, no bairro do tio Kondombolo, o Soba decidiu mandar chamar à Ombala o Galo e a Raposa.

Pretendia ter uma conversa muito séria com os dois, pois os habitantes daquela zona da cidade queixavam-se de não poder dormir.

Todas as noites uma barulheira danada, entre galinhas e pintos no bairro do tio Kondombolo, o Galo.

Não faltou quem afirmasse categoricamente que era a Raposa a causadora de toda aquela zaragata, aquela confusão nocturna.

Os protestos foram tantos que o Soba decidiu mandá-los chamar para pôr a claro a questão que estava prestes a causar mesmo um confronto armado, com tiros, pauladas e tudo, por parte de algum vizinho mais nervoso.

A Raposa, que é manhosa, ficou um tanto aflita, assustada mesmo, pois sabia melhor que ninguém que era ela a verdadeira culpada. Assim, foi procurar o Galo a casa, de manhã cedo, para fazer-lhe a proposta. Sugeriu que se apresentassem juntos, como amigos, de modo que o Soba nada teria de dizer, limitando-se possivelmente a umas recomendações.

Kondombolo, porém, há já muito tempo que queria ver-se livre da Raposa. Mal a viu ao longe e adivinhando-lhe as intenções escondeu a cabeça debaixo da asa.

A Raposa chegou entretanto. Cumprimentou com toda a humildade, com o falso carinho que só ela é capaz de fingir, e fez a proposta esperada:

– Querido Amigo Galo, vim cá para irmos juntos ao Soba. Apresentando-nos os dois, nada temos a recear e acabam-se as intrigas. Não achas?

O Galo debaixo da asa responde:

– Estou cheio de medo, Amiga Raposa. Sabes lá o que nos espera? Para evitar maiores castigos, pedi à minha mulher N’sanji, a Galinha, que me cortasse a cabeça. Apresentando-me com a cabeça cortada, o Soba perdoar-me-á certamente de todos os erros que tenho cometido. Como vês já estou de cabeça cortada.

A Raposa, atrapalhada, pergunta:

– E como é que conseguiste cortar a cabeça e continuar a falar?

– Isso não é problema. Pedi à minha mulher n’Sanji que fizesse o trabalho: cortar-me a cabeça de um só golpe, deixando-a ligada ao corpo pela pele. Assim fez e aqui estou. Quando voltar é só dar um ponto e fica tudo na mesma.

A Raposa, oportunista, não quis saber de mais nada. Correu para casa. Contando tudo à mulher, pediu-lhe que lhe cortasse a cabeça rapidamente porque já era tarde para a hora marcada. O Galo já estava pronto, podia chegar primeiro a casa do Soba e assim só ele é que seria perdoado. Que cortasse depressa para que ele corresse e chegasse primeiro.

A mulher da Raposa foi buscar um grande njaviti e de um só golpe decepou a cabeça ao marido, deixando-a pendurada a sangrar. Mas quando viu o marido cair morto, ficou desesperada e furiosa. Correu à casa do Kondombolo para castigá-lo pela mentira que levara o marido à morte.

Kondombolo já tinha partido quando chegou a mulher da Raposa. Esta encontrou a Galinha atrás de uma espessa rede, a chocar e mal humorada.

– Onde está o teu marido? – gritou-lhe de fora a Raposa. –



Onde está, que quero hoje mesmo dar cabo dele, de ti e de toda a vossa família se te atreveres a sair daí?

– Não te preocupes que o Galo foi ao Soba contar-lhe tudo. É o merecido castigo para o teu marido e para ti, já que vocês não têm feito outra coisa na vida senão assaltar traiçoeiramente as capoeiras para se banquetear com os pintos, as galinhas e os galos que aí dormem indefesos sem fazer mal a ninguém. É bem feito e não tornes a aparecer para que te não suceda o mesmo. Nós vamos organizar a nossa defesa.

Durante as duras batalhas travadas pela libertação do nosso país da invasão inimiga os Pioneiros lutaram heroicamente contra forças mais poderosas e venceram, pondo em prática prodígios de invenção.

Avó Chica conta várias vezes a estória do castigo da Raposa e termina sempre dizendo:

– Os Pioneiros ganhavam sempre porque a inteligência e a astúcia é a arma dos fracos contra os fortes e os malvados.

Avó Chica, porém, não consegue nunca reter a lágrima teimosa que reflecte, brilhante como o sol, o seu neto pioneiro, Zito, igual a todos os seus netos pioneiros, vítimas dos assassinos definitivamente derrotados pela força invencível da sua inteligência, honestidade e coragem.

*in Lenha Seca*

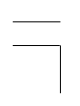
Edição: UEA, Sá da Costa / 1986



## Cremilda de Lima

---

Cremilda de lima nasceu em Luanda aos 25 de Março de 1940. Obras Publicadas: «A Velha Sanga Partida» (1982), «O Nguiko e as Mandiocas» (1985), «A Múkua Que Bailoçava ao Vento» (1990), «Missanga e o Sapupu» (2001), «O Tambarino Dourado» (2001), «A Kianda e o Barquinho de Fuxi» (2002), «Mussulo Uma Ilha Encantada» (2003), «O Maboque Mágico e Outras Estórias» (2004), «O Balão Vermelho» (2005), «O Aniversário de Vovó Imbo» (2006) e «A Colher e o Génio do Canavial» (2006).



## O Aniversário de Vovô Imbo

Nas barrocas da rua do Casuno, uma rua muito antiga da Cidade Alta, como é chamado o bairro onde ela fica, há um Imbondeiro com um tronco muito, muito largo, alguns ramos finos, outros grossos e presos a eles folhas raras e frutos que parecem balões, baloiçando ao sabor do vento.

Certa noite, os habitantes dessa rua acordaram muito sobressaltados, pois lá das bandas do Imbondeiro vinha um barulho muito esquisito...

Acorda um, acorda outro, num instante todos os moradores daquela rua estavam em frente ao Imbondeiro.

Que maravilha!...

Todos olhavam de bocas abertas, a respiração suspensa, olhos esbugalhados de espanto!...

O Imbondeiro estava todo iluminado com luzes de várias cores: verdes, amarelas, brancas, azuis, castanhas, vermelhas...

Uma música muito bonita ouvia-se por toda a parte...claro alguma coisa muito importante tinha acontecido.

Pois é!...Vovô Imbo tinha feito anos e as múcuas resolveram festejar o aniversário do seu muitas vezes avô.

Para isso organizaram uma grande festa.

As múcuas chamavam-se Mukuika, Mukuenda, Uki e Ueka.

Elas eram muito amigas de vovô Imbo.

Uma vez, à hora do sunguilar, vovô disse-lhes que ia fazer anos e elas, muito atarefadas, resolveram festejar o aniversário do seu Pai Grande.

Organizaram tudo. Fizeram os convites, falaram com os músicos e não se esqueceram do pitéu.

Mukuika e Mukuenda, foram os responsáveis pelo embelezamento do lugar que estava muito lindo, com luzes, balões e fitas de muitas cores e flores.

Uki e Ueka, trataram de arranjar os músicos.

Os quatro arranjaram o pitéu. Não foi difícil pois havia por ali muitos figos de piteiras, tambarinos, gajajas, maracujás e mangas.

Para beber havia quissangua fresquinha preparada em cabaças enfeitadas de missangas de várias cores.

Numa grande quinda havia também kitaba, kifufutila, mikondos, bombô frito, castanha de cajú e kitaba.

Os músicos foram chegando...

Faziam parte da orquestra tocadores de marimba, kissange, tambor, dikanza, violas, puita...

Os tocadores de kissange eram os pardais, os tocadores de marimba eram os piriqitos. Os tambores eram tocados por dois macaquitos muito inquietos sempre de orelhas espetadas e rabito no ar. A dikanza era tocada por um coelho, o violão por um papagaio muito respeitável, a puita por dois sapos.

Todos os outros elementos da orquestra batiam palmas, cantavam, fazendo coro.

Vovô Imbo estava muito contente com a festa.

O caso não era para menos pois estava tudo tão lindo e muito bem organizado...

Os convidados andavam de um lado para o outro, conversando uns com os outros, dançando, comendo, fazendo cada vez mais amizades.

Entretanto... Como era quase meia-noite, Vovô Imbo ia apagar as velas.

Então... uma a uma foram-se acendendo muitas, muitas luzinhas no meio do tronco do grande Imbondeiro.

Vovô Imbo tinha feito muitos anos... Mas como era muito forte de um sopro apagou as velas todas.

Palmas e mais palmas... vivas e mais vivas, era só o que se ouvia...

Os moradores daquela rua não conseguiam sair dali, tão encantados estavam!...

Também como era possível ir embora, quando se podia apreciar algo tão maravilhoso!...

Será que não estariam a sonhar?...

O Cágado comandava a rebita... mais além a Lebre e o Coelho dançavam a massemba.

Mukuika e Mukuenda iam distribuindo o pitéu e Uki e Ueka a bebida.

As horas foram passando... passando... numa grande animação.

Mas, como acontece em todas as festas, a música foi deixando de se ouvir, as luzes foram-se apagando uma a uma...

Os convidados depois de se despedirem de vovô Imbo foram para as suas casas. Tudo ficou em silêncio...

Cada morador foi também para a sua casa, mas com a sensação de que estava mais alegre, mais feliz pois há muito tempo que não via um acontecimento assim tão belo.

## O Nguiko e as Mandiocas

As mandiocas que viviam debaixo da terra em casinhas de tecto arredondado, fazendo vários montinhos, estavam já a dormir.

A noite era calma e com um luar muito bonito. Podia até ver-se muito bem a casa da vavó Jaja, que vivia com seu neto chamado Mingo.

No terreno em frente à sua casa havia uma mandioqueira, mas essa só dava sombra. Debaixo dela, vavó tinha o fogareiro onde sempre fazia as refeições, o banquinho onde se sentava, o abano que utilizava para espevitar o fogo, a selha de aduelas de barril e a tábua onde esfregava e lavava a roupa.

Quando Mingo via que as mandiocas estavam boas para comer colhia-as e com elas fazia fuba de bombô, farinha de pau, ou então vendia-as à cooperativa mais próxima.

Mas, certo dia...

Começa aqui a estória que vou contar...

De manhãzinha, bem cedo, as mandioqueiras que viviam perto da vavó despertaram ao ouvirem a voz de Mingo que dizia:

– Estas mandiocas já devem estar boas para comer. Vou colhê-las hoje à tarde.

As mandiocas ficaram muito assustadas, pois elas já sabiam qual ia ser o seu destino... Mexeram-se todas debaixo da terra e disseram:

– Não, não vamos deixar que nos tirem daqui.



– Pois não, dizia a mandioca maior. E olhem que eu não escapo, logo eu que já estou tão grande e que não quero nem por nada ser pisada no pilão, para depois ser transformada em fuba e continuar ainda a ser batida de encontro à panela para virar funge...

– Não! Ninguém nos vai colher – disseram todas ao mesmo tempo. Ninguém, nos vai tirar daqui! Mas para isso temos que nos unir e lutar para que Mingo não tenha força para nos arrancar do chão.

– Combinado! – gritou logo a mandioca maior que era a que estava mais furiosa. Conversando umas com as outras... aguardaram o embate...

Nesse preciso instante, ouviram ainda dizer:

– Mingo, corta ainda um tronco dessa mandioqueira aí, essa que está a dar sombra para o tambor de água, pois você sabe que o Chico já partiu o nguiko e o nosso almoço vai ser funge.

Chico era também neto de vavó Jaja e ia sempre passar as suas férias com ela.

Era tão traquino que não parava quieto. Tudo lhe servia para brincar. Portanto, o nguiko também serviu para fazer o seu carrinho de lata... Assim, vavó, não tinha com que fazer o funge.

Mas vavó era tão amiga de Chico que perdoava tudo... só que às vezes também se zangava, claro... mas Chico prometia sempre ter mais juízo. Em casa da vavó, ele encontrava muitos mimos: castanha de cajú, farinha com açúcar para fazer congwenha ou quiquerra, bombô frito, quitaba, etc. «Aquela vavó era o máximo!» Dizia o Chico e enchia-a de beijinhos.

Mas, voltemos à nossa estória.

O tronco da mandioqueira, que já tinha ouvido Mingo dizer que ia colher as mandiocas, pensou logo:

– Eh, pá, já estou eu também na maka!... Mas não vou deixar que me cortem, não. Não posso maltratar continuamente os grãozinhos de fuba, batendo-os sem cessar de encontro à panela. Isso não posso fazer. Não posso e estou decidido.

Míngo agarrou numa catana e dirigiu-se para a mandioqueira para cortar o tronco. Cada vez que ele se chegava e levantava a catana para realizar a tarefa, a mandioqueira começava a agitar com tanta força as suas folhas que ele não conseguia fazer nada. Tentou uma, duas, três vezes e acontecia sempre a mesma coisa... A mandioqueira agitava com quanta força tinha as suas folhas.

Vum ... Vum ... Vum ...  
Vum ... Vum ... Vum ...

Míngo apanhou tamanho susto que começou a gritar  
– Vavó, vavó! Vem cá, vem depressa! Na mandioqueira tem kazumbi! Estou com muito medo. Vem depressa!

Vavó a arrastar os panos lá foi o mais depressa que pode acudir o neto.

– Ché, menino, quê que foi mesmo?  
– Vavó, é mesmo Kazumbi.  
– Mas onde está?... Não estou a ver nada...

Míngo, então explicou:

– Vavó, não vou poder cortar o pau para fazer o nguiko, a mandioqueira está sempre a mexer.... Vem comigo, vem mais perto, vem só ver.

Vavó viu Míngo de catana na mão a querer cortar o tronco e a mandioqueira a agitar as folhas com toda a força. Parecia que estava a fazer muito vento, mas só mesmo na mandioqueira...

— Eh! Eh! Eh! menino, deixa!... pode ser é mesmo Kazumbi... Vamos embora para casa.

Míngo ficou muito espantado com tudo isso e decidiu ficar de olho atento para ver o que se passava...

Já nem colheu as mandiocas.

Sentou-se no chão bem perto da mandioqueira das makas para descobrir o que se passava...

Já estava cansado de tanto esperar, sem nada acontecer e então

decidiu cochilar um pouco. A cochilar... a cochilar... o sono começou a chegar de verdade e quase dormiu mesmo. Acordou sobressaltado pois pareceu-lhe que estava a ouvir ruídos. Ficou muito atento... Afinal não era nada... Era ele que estava “a pensar coisas”!...

Levantou-se e foi novamente cortar o tronco. Mas a mandioqueira voltou novamente a agitar as suas folhas de tal maneira que Mingo desistiu.

Então, Mingo resolveu ir colher as mandiocas.

Mas que grande confusão!... Por mais que Mingo cavasse, não conseguia arrancar as mandiocas do chão, pois elas cada vez se prendiam mais à terra.

— Mas que é que se passa nesta lavra hoje? A mandioqueira não deixa cortar o nguiko, as mandiocas não se deixam colher... Anda mesmo aqui Kazumbi! Vamos esperar até amanhã. Nem vale a pena contar mais nada à vavó. Ela vai ficar ainda mais assustada.

E Mingo foi para casa.

A mandioqueira mais velha, aquela que dava sombra para a vavó, aquela que já conhecia tanta coisa deste mundo, apercebeu-se que se estava a passar alguma coisa na lavra...

Viu a mandioqueira que dava sombra para o tambor de água a agitar as folhas e viu também que Mingo não tinha conseguido colher as mandiocas.

Então, reuniu todas as folhas do seu tronco e disse-lhes

– Filhas, aqui na lavra estão-se a passar umas makas muito feias e nós não podemos ver só e calar, é preciso falar, corrigir quem está errado. E contou tudo o que sabia. Depois de tudo bem conversado, a mandioqueira mandou duas folhas como emissários, cada uma com a sua tarefa.

A primeira chegou perto das mandiocas e disse:

– Mamã grande sabe tudo o que se está a passar na lavra e mandou-me aqui para vos dizer que vocês não estão a fazer bem. É preciso deixar o Mingo colher vocês, não refilar, porque o fim das mandiocas é alimentar as pessoas.

– Nhum!... lá vem esta com recadinhos... Não vale a pena dizeres nada pois já tomámos a nossa decisão. Ninguém nos vai tirar daqui.

– Bem, vocês tomaram uma decisão bastante errada, pois há uma coisa que esqueceram. O trabalho na lavra não vai parar. Vocês foram plantadas, cresceram e têm que ser colhidas. Depois vai haver nova plantação e novas mandiocas.

As mandiocas a princípio não estavam a concordar. Mas, depois de conversarem umas com as outras, viram o erro que estavam a fazer e disseram.

– É mesmo... Mamã grande tem razão e depois vamos servir mesmo para quê? Para apodrecer aqui no chão? Não! Isso não! Isso é ser egoístas e nós não somos, nem queremos ser.

E todas em coro disseram.

– Vai, vai dizer à mamã grande que já compreendemos tudo e não vamos mais criar problemas ao Mingo, nem à vavó. E, depois, como é que o Chico vai fazer a sua quiquerria ?

O segundo emissário não teve tanta sorte...

Mal chegou, ouviu logo um estrondo e uma voz vinda do tronco que dizia:

– O que é que vens cá fazer? É melhor voltares pelo mesmo caminho.

– Trago um recado da Mamã grande.

– Um recado? Eh! Eh! Eh! Tem graça! Pois, se é por causa do nguiko podes ir embora, que aqui ninguém vai cortar tronco nenhum.

– Calma! Calma! Espera aí... eu ainda não disse nada.

Ouviu-se outro estrondo e a mesma voz bem zangada que disse:

– Nem precisas de falar parece que Mamã grande fez calar as mandiocas, mas connosco não vai conseguir nada. Anda, vai-te embora!

A folha que trazia uma missão e queria cumprir tudo direitinho só disse:

– Calma! É preciso saber ouvir! E eu ainda não falei... Que pressa

é essa de me mandar embora?

– Fala, então – disse o tronco com um grande estrondo.

– Pois é!... Não vou dizer muita coisa. Só uma pergunta: como é que vavó Jaja vai cozinhar o funge? Com as mãos?

Perante a pergunta deste emissário, começou a ouvir-se um burborinho na mandioqueira e o tronco começou a sentir-se sozinho e a “meter o rabinho entre as pernas”, como se costuma dizer.

Todos os troncos, tronquinhos, folhas e folhinhas se puseram a escutar uns aos outros... até que um deles em nome de todos disse:

– Sim, senhor, Mamã grande tem razão. Como é que vavó vai cozinhar o funge?

– Pois é, ainda bem que compreenderam, pois não custa nada sermos bons e prestáveis. Mamã grande vai ficar contente. Vou-me embora, mas quero lembrar a todos que cada um de nós, se existe, tem uma tarefa a cumprir portanto é bom nunca esquecer isso.

E o segundo emissário também conseguiu cumprir a sua tarefa...

*In: Conto Inédito*



## Gabriela Antunes

---

Maria Gabriela Antunes nasceu no Huambo aos 08 de Julho de 1937. Obras Publicadas: «A Águia, a Rola, as Galinhas e os 50 Lweis» (1982), «Luhuna o Menino Que não Conhecia Flor-viva» (1983), «Kibala o Rei Leão» (1983), «A Abelha e o Passáro» (1982), «O Castigo do Dragão Glutão» (1983), «O Jardim do Quim» (1985), «O João e o Cão» (1986) e «Roupa Nova (1988).





## Kibala, o Rei Leão

Não, eles já não podiam aguentar mais aquele leão. Está bem que era o rei, mas um rei tem de melhorar as condições de vida do seu Povo. E aquele rei não fazia nada disso. Pelo contrário: só se sentia feliz quando sabia o povo infeliz. E como é que o seu Povo podia ser feliz com um rei assim? Não, eles já estavam fartos daquele rei. Eles tinham de fazer alguma coisa. “Mas o quê”, perguntavam entre si os animais, as árvores, as flores e os frutos da mata.

O rei não gostava do Bom... nem do Belo... nem dos outros...

Quando havia luar, não conseguia dormir. E então berrava, berrava, berrava até acordar todos os animais. Depois ria. Ria e dizia satisfeito “Se o rei não dorme, os escravos não podem dormir”...

Como ele só gostava de carne, achava que os frutos não prestavam para nada. Então, quando as árvores estavam carregadinhas, ele abanava-as e espezzinhava os frutos caídos, sem se incomodar em estragar a comida de tantos animais.

Depois ria. Ria e dizia satisfeito “Se o rei não gosta de frutos, os escravos não podem gostar”...

E nem sequer se importava com os pássaros cujos ovos ou filhinhos repousavam nos ninhos que, ao cair, se desfaziam!

Quando chegava a estação das chuvas e as flores vermelhas e amarelas, azuis e brancas, rosas e lilases brotavam das ervas, das plantas rasteiras e dos arbustos, ele espezzinhava-as, não se preocupando em

saber aonde as borboletas iriam poisar, não se preocupando em saber como é que as abelhas iriam fazer o seu mel...

E os animais sofriam e lamentavam-se... e a pouco e pouco começaram a pensar no que poderiam fazer para se livrarem do rei.

E um dia... um dia, o rei estava com fome e resolveu ir à procura de caça. À sua aproximação, todos os animais fugiam. Ele olhava para um lado, olhava para outro, até que viu um lugar cheio de flores de várias cores, junto do qual se achavam uma palanca com ar de doente e duas crias. E ele, maldosamente, pensou:

“Depois de comer aqueles desgraçados, já tenho uma cama fofa para me deitar e dormir uma boa soneca”. E quando, sorrateiro, ia saltar sobre o fraco animal... catrapuz... caiu num buraco fundo. E mal caiu, começou num berreiro que, se assustou uns, não assustou outros, pois a armadilha fora o resultado de muitas conversas, discussões e trabalho nocturno de vários chefes de família das redondezas...

E por uma ou outra razão, ninguém se aproximou do rei; mas no íntimo todos se sentiam mais felizes por verem o tirano naquelas condições.

E ele berrava, berrava e rugia e assim continuou pela noite fora, noite essa de calma para o resto da mata...

E na manhã seguinte, a vida continuou. Uns ficaram a tratar da casa e dos filhos, outros saíram para o trabalho e as crianças foram para a Escola.

E pararam quando passaram pelo rei. Mas não riram, que as crianças não se riem dos adultos! Mas sorriram... E passaram por lá de novo, quando vieram da Escola. E o rei, ou melhor o leão, disse-lhes: “Tragam-me água. E digam aos vossos pais que me venham libertar, senão...”

Mas eles nem ouviram tudo. Chegaram a casa, deram o recado aos pais, mas estes não se preocuparam em libertar o rei, não se preocuparam em matar-lhe a sede.

Eles estavam mais preocupados com a organização da mata... a

divisão de tarefas... o auxílio aos velhos... a Escola para os mais novos... os medicamentos...

E naquela manhã, quando a palanca ia para o centro médico tirar umas análises, teve de passar pelo leão... Não quis olhar, mas ele disse-lhe: “Bom dia, amiga; ajuda-me a sair daqui”. Ao que ela respondeu: “Eu? A quem querias comer?”. E lá se foi...

Depois foram os catuitis e os peitos celestes, que iam ao casamento do amigo bico de lacre, que ouviram. “Venham... venham-me ajudar. E tragam-me água... águuuua”... E o Xexe, que era o pássaro mais atrevido da mata, respondeu. “Isto é que era bom!”

E assim se passaram muitas horas e alguns dias.

E Kibala, o rei-leão, só olhava, pois já não tinha forças para pedir ajuda. E as crianças eram as únicas que por lá paravam, apostando “hoje ele vai falar. Não, hoje, ele não vai falar”...

E numa tarde, o cágado, que regressava de férias em casa do primo, viu que havia uma total mudança na sua mata. E foi ter com um grupo de mais velhos que falavam debaixo de uma árvore. Perguntou-lhes o que se passava. E ficou a saber tudo... tudo o que acontecera.

E o cágado pensou. Pensou e depois disse-lhes: “Meus amigos, vocês já mostraram que não querem mais este rei. Já o castigaram. Já mostraram, também que podem e sabem governar a mata. Todos em conjunto! Mas se deixarmos o leão morrer nestas condições, seremos tão cruéis como ele. Vamos dar-lhe água, comida e tratar dele. Depois mandamo-lo para um local onde ele ainda possa ser útil... Mas não devemos deixá-lo morrer. Isso não!...”

E todos concordaram com as palavras sábias do velho cágado que já conhecera três reis-Kibala, o rei-leão, o pai deste rei... e o avô deste rei...



## Henrique Guerra

---

Henrique Lopes Guerra nasceu em Luanda aos 25 de Julho de 1937. Obras Publicadas: «A Cubata Solitária» (1962), «Quando Me Aconteceu Poesia» (1977), «A Tua Voz Angola» (1978), «Alguns Poemas» (1978), «Estruturas e Classes Económicas e Classes Sociais» (1979) e «Três Histórias Populares» (1980).



## O Caçador, o Jacaré e a Pedra Negra

Solitário andando pela mata, à procura de caça, um caçador foi parar junto ao rio, onde encontrou um leão a lutar com um jacaré. Ao ver o caçador, diz o jacaré:

– Caçador, mata este animal que é do ar e deixa-me vivo a mim que sou da água, e eu fico teu aliado.

Diz o leão:

– Não, caçador. Mata antes este “tipo” que é da água e deixa-me vivo a mim que sou do ar, e eu fico teu aliado.

Diz o caçador:

– Não, não mato ninguém. Este é primo, aquele é cunhado, como é que posso matar um de vós?

Diz o jacaré:

– Mata sim, caçador. Tens de matar um de nós. Mata antes este “tipo” e eu fico teu aliado.

Diz o leão:

– A mim não, caçador. Mata antes este “tipo” que é da água, e eu que ando nas matas fico teu aliado.

O caçador ficou perplexo. Pensou, pensou, por fim decidiu-se. “Bem, já que tenho de matar um deles, mato o leão, que anda nas matas”. Apontou a arma, um tiro, dois tiros, o leão caiu morto.

Depois o caçador olhou para trás e viu uma mulher, que lhe diz:

– Porque é que mataste o leão? Não vês que ele é nosso amigo, anda nas matas a proteger-nos?

Diz o caçador:

– Não, minha irmã. Não é bem assim. Não vês que eu sou caçador? Tinha de matar um deles. Gasto dinheiro com cartuchos e preciso de arranjar caça para cobrir as despesas.

Diz o jacaré:

– Obrigado, caçador. Salvaste-me a vida e agora sou teu aliado. Vem daí comigo, que eu vou apresentar-te ao meu pai.

– E a minha espingarda?

– A espingarda podes deixá-la aí, sobre a areia da praia.

O caçador escondeu a espingarda num sítio retirado e os dois entraram na água.

Nadaram, nadaram, nadaram, deram um grande mergulho. Chegaram ao fundo do rio e entraram por um buraco. Foram andando pelo buraco até que encontraram uma grande sanzala.

No meio da sanzala havia um baile muito animado, com moças muito lindas.

Diz o jacaré:

– Boas tardes, meninas.

Dizem meninas:

– Boa tarde, amigo. Como é? Trouxeste peixe para a gente comer?

– Não – diz o jacaré. – Este não é peixe. É um amigo meu, que me salvou a vida.

– Ah! Então se é assim, entrem, comam e dancem que a casa é vossa.

Entraram, comeram e dançaram. Depois despediram—se e foram andando. Encontraram a irmã do jacaré.

Diz a irmã:

– Boa tarde. Como é, meu irmão? Trouxeste peixe para a gente comer?

– Não, minha mãe. Este não é peixe. É meu amigo e vou levá-lo à casa do pai porque me salvou a vida.



-Ah, bom! Então se é assim, podem ir para casa, porque o pai deve estar quase a chegar.

Foram andando e encontraram uma velha muito doente, com o corpo todo coberto de espinhos. Diz o caçador:

- Boa tarde, minha avozinha. Então o que tem?

- Boa tarde, meu neto. Olha, estou muito doente, tenho o corpo todo coberto de espinhos. Mas não se podem tirar com as mãos, só com a boca.

- Só com a boca?

- Só com a boca.

- Está bem, minha avozinha. Já lhe vou tirar esses espinhos.

O caçador pôs-se a tirar os espinhos do corpo da velha com os dentes. Quando terminou tinha a boca toda ensanguentada. A velha deu-lhe uma pomada para que ele lha espalhasse pelo corpo, e cinco litros de vinho para bochechar. O caçador aplicou a pomada no corpo da velha e bochechou os cinco litros de vinho. A velha ficou curada e o caçador também.

Diz a velha:

- Três Calebungo!

E imediatamente apareceu uma mesa coberta com uma linda toalha e cheia de belas comidas, doces, laranjadas e gasosas geladas. Pois que, quando uma pessoa tem certos poderes, basta dizer “Três Calebungo” para que imediatamente se realizem coisas extraordinárias. Mas isso não sucede com todas as pessoas, só acontece com algumas pessoas que, através de muito estudo e de muito trabalho, por terem muita experiência e muita sabedoria ou por terem realizado feitos extraordinários, conseguem adquirir esse poder de fazer coisas difíceis e fora do vulgar.

- Come, meu neto – diz a velha –, porque tu me curaste apesar de eu não ser tua avó. No teu lugar, outros teriam passado ao largo, dizendo: “Ela não é minha mãe, é mãe dos outros”.

O caçador e o jacaré comeram e a velha perguntou:

- Aonde vão, meu filho?

Respondeu o caçador:

– Vou à casa deste meu amigo, porque eu lhe salvei a vida e ele vai apresentar-me ao pai.

– Está bem, meu filho. Mas cuidado, quando chegar o pai dele não te sentes do seu lado esquerdo, senta-te do lado direito.

– Está bem, minha avó. Boa tarde.

– Boa tarde.

Puseram-se a caminho e o caçador começou a pensar:

– Como é isto? Chegámos ao baile e perguntaram: “Então, nosso amigo, trouxeste peixe para a gente comer?”, “Não, este não é peixe, é um meu amigo que me salvou a vida e agora vou levá-lo à casa do pai”. Depois encontrámos a irmã: “Como é, meu irmão, trouxeste peixe para a gente comer?”, “Não é peixe, este é um amigo meu que me salvou a vida e agora vou levá-lo à casa do pai”. Depois encontrámos a mãe: “Como é, meu filho, trouxeste peixe para a gente comer?”, “Não, este não é peixe, é um amigo meu que me salvou a vida e agora vou levá-lo à casa do pai”. O caso está a pôr-se feio, parece que me querem comer. Bem, não preciso de ter medo, coragem de homem!

Foram andando e finalmente chegaram à casa. Sentaram—se na sala e pouco depois apareceu o pai do jacaré:

– Boa tarde, meu filho. Trouxeste peixe para a gente comer?

– Boa tarde, meu pai. Este não é peixe, é um amigo meu que me salvou a vida, e por isso não o podemos comer.

– É assim?

– É assim.

– Então está bem. Sentem-se a meu lado e vamos comer.

O pai do jacaré sentou-se e o jacaré e o caçador sentaram-se à sua esquerda. Foi servida comida. Começaram a comer e a certa altura o caçador, lembrando-se das palavras da velha, levantou-se e foi sentar-se do lado direito.

O pai do jacaré virou-se de um golpe e atirou uma dentada para o lado esquerdo. Apanhou a perna do jacaré.

– Ó diabo, enganei-me. Julguei que estava aqui o teu amigo, mas ele mudou-se para o outro lado e agora, em vez de o morder a ele, morde-te a ti.

– Ó meu pai. Ele é meu amigo e não o podemos comer. Veio da terra e daqui a bocado tem de voltar para a terra.

– Então está bem. Quem entra aqui não pode voltar para a terra e nós temos de o comer. Mas como é teu amigo e te salvou a vida, pode voltar para a terra. Espera aqui um bocado que eu vou buscar bois, cabras e galinhas para ele levar.

– Não, meu pai. Se ele levar bois, cabras e galinhas não pode voltar para a terra. O melhor é ele entrar para dentro da tua barriga e tirar de lá a casca de laranja e a pedra preta que está por detrás da laranjeira.

– Então está bem. Ele entra na minha barriga e tira de lá a casca de laranja e a pedra preta que está por detrás da laranjeira. Mas só tem cinco minutos para andar dentro da minha barriga.

O pai do jacaré abriu a boca e o caçador entrou por ela. Desceu, desceu, entrou na barriga e encontrou a laranjeira. Tirou a casca de laranja e a pedra preta que estava por de- -trás da laranjeira. Voltou, subiu, e quando ia a sair o pai do jacaré fechou a boca.

Implora o jacaré:

– Ó meu pai, não comas o meu amigo. Ele salvou-me a vida e tem de voltar para a terra. Peço-te esse grande favor.

O pai do jacaré abriu a boca e o caçador saiu. Despediu—se de toda a gente e o jacaré acompanhou-o na viagem de regresso.

O caçador voltou para a terra, com a pedra negra e a casca de laranja. Encontrou a espingarda no mesmo lugar onde a deixara escondida, apanhou-a e seguiu o seu caminho.

Foi andando até chegar a uma lavra onde encontrou um velho.

– Boa tarde – diz o velho.

– Boa tarde. Que fazes por aqui, ó velho?

– Ando à procura da menina Mariquinhas, com quem nenhum superior ainda conseguiu casar-se.

– Então se ainda nenhum superior conseguiu casar-se com ela, como queres tu casar-te, tu que és velho, ó velho?

– Eu não posso casar-me com ela porque não tenho dinheiro, e o pai dela só quer dinheiro, onde mete a cara quer dinheiro, onde se senta quer dinheiro. Eu queria encontrar a menina Mariquinhas para lhe pedir esmola. A casa dela é ali por detrás daquela pedra grande, mas eu nada posso fazer para abrir a pedra.

– É assim?

– É assim. Boa tarde.

Nesse momento tocou a sineta da lavra, anunciando que o trabalho havia terminado, e os homens que ali trabalhavam voltaram para o acampamento. Vendo que o caminho para a pedra grande se encontrava desimpedido, o caçador tirou a pedra preta e a casca de laranja, bateu na pedra com a casca de laranja.

Diz o caçador:

– Três Calebungo!

Logo apareceu um belo fato de casimira.

– Três Calebungo!

Apareceram uns belos sapatos de polimento.

O caçador vestiu o fato, calçou os sapatos e foi andando para a pedra grande, atrás da qual se situava a casa da menina Mariquinhas. Bateu na pedra com a casca de laranja:

– Três Calebungo!

A pedra abriu-se e na abertura por ela deixada apareceu a própria Mariquinhas: não havia nada mais lindo neste mundo!

A menina e o caçador ficaram perplexos um perante o outro. Impressionado pela grande beleza da jovem, o caçador fez-lhe logo ali uma declaração de amor, afirmando que queria casar-se com ela.

Então nesse momento a sineta tocou e os homens voltaram ao trabalho da lavra. A pedra fechou-se imediatamente. O caçador teve de se vir embora.

No dia seguinte o caçador bateu na pedra antes de os homens irem para o trabalho. A pedra abriu-se e o caçador confessou o seu

grande amor à Mariquinhas, ao qual ela afirmou também corresponder. Avisou-o, porém, de que o pai era muito exigente e que só a deixaria casar-se com um homem que tivesse muito dinheiro. Permitiu, contudo, que o caçador a fosse visitar mais vezes. Até que um dia se decidiu a telefonar ao pai, dizendo-lhe que gostava muito de um homem e que esperava o consentimento do pai para se casar com ele.

– O homem que quiser casar-se contigo tem de apresentar três casas sem janelas e sem divisões interiores, tendo apenas duas portas. Do chão até ao tecto têm de estar cheias de dinheiro.

Ao saber daquilo o caçador retirou-se para um sítio escondido, puxou da sua pedra preta:

– Três Calebungo!

Logo apareceram três casas cheias de dinheiro, até o tecto era feito de dinheiro e dinheiro saía pelas portas. Se fossem barcos, as casas ter-se-iam afundado ao peso de tanto dinheiro. Posto ao corrente do facto, o pai da Mariquinhas ficou mais satisfeito que um macaco com cem cachos de bananas e permitiu que os dois se casassem.

A notícia daquele acontecimento espalhou-se rapidamente e toda a gente ficou admirada, pois nem mesmo o próprio rei havia conseguido casar-se com a Mariquinhas.

O rei ficou cheio de inveja e de ressentimento e resolveu vingarse. Armou um grande exército para derrubar o caçador, mas este, à força de dinheiro, armou também um exército poderoso. Travou-se uma grande batalha e o rei saiu vencido.

E, depois do casamento, o senhor João (assim se chamava o caçador) mais uma vez puxou pela sua pedra negra, “Três Calebungo”!, e imediatamente apareceu um belo prédio de segundo andar, dotado de todas as comodidades, onde ele foi morar com a sua esposa.

E assim viveram sossegados, sem problemas, o senhor João entregue à sua profissão de caçador, a senhora Mariquinhas toda entregue aos trabalhos da casa.

Um dia o senhor João saiu a dar um passeio e, por esquecimento, deixou a pedra negra e uma caneta no quarto, em cima da mesa de cabeceira. A lavadeira, que ali entrara para tirar a roupa suja, avistou a pedra e pensou:

– Se calhar é esta pedra que dá a sorte toda ao senhor João. Espera lá, vou esconder a pedra e depois levo-a ao senhor rei.

A senhora Mariquinhas, que se encontrava na sala de costura, teve um pressentimento e dirigiu-se para o quarto. Não encontrando ali a pedra, perguntou à lavadeira:

– Ouve cá, lavadeira. Não encontrei em cima da mesa de cabeceira do quarto uma pedra negra?

– Não, minha senhora. Apenas encontrei esta caneta que o senhor João esqueceu em cima da mesa de cabeceira.

– Se ele se esqueceu da caneta também se esqueceu da pedra.

– Não encontrei nenhuma pedra, minha senhora. Encontrei só a caneta. Mas porquê, é alguma coisa de importância?

– Não é nada. É só uma pedra negra que serve para curar a tosse – disse a Mariquinhas, a disfarçar a atrapalhão.

Logo que acabou o trabalho, a lavadeira foi a correr à casa do rei e entregou-lhe a pedra negra, dizendo que ela era a causa da sorte do senhor João.

Então, o rei mandou o administrador e os sipaios que fossem imediatamente prender o senhor João. Quando este voltava do passeio, foi preso e metido na prisão.

E logo o prédio onde morava se transformou numa cubata de capim, cubata miserável pior que as dos acampamentos dos *contratados*.

E agora as coisas estão assim: o senhor João sozinho e triste na sua cela escura, o rei satisfeito no palácio a gozar o prazer da vingança. Vai para o quarto mês que a situação se mantém, o senhor João na sua cela sem a mínima comodidade, longe da sua linda esposa, sem nenhum companheiro na prisão com quem conversar.

Então pediu que lhe deixassem receber roupa de casa para mudar,

pois a que tinha vestida já estava muito suja e na cadeia não deixavam que os presos lavassem a roupa. O rei autorizou que a mulher do senhor João lhe mandasse uma muda de roupa.

A senhora Mariquinhas arranhou um saco onde meteu a roupa e dois gatos. O saco foi entregue ao prisioneiro, e, quando este o desamarrou para tirar a roupa, os gatos saltaram para fora e lançaram-se imediatamente à caça de ratos.

Em breve apanharam um rato, pois a cadeia estava cheia de deles. Diz o rato:

– Ó senhores gatos, deixem-me viver. Porque é que me agarram se eu não faço mal nenhum?

Dizem os gatos:

– Nós vamos te comer porque tu comes os mantimentos dos outros. A não ser que nos faças um favor, mas não sabemos se tens coragem.

– Tenho coragem, sim senhor. Digam lá o que querem que eu faça.

– Tens coragem?

– Tenho coragem, sim senhor.

– Olha, então queremos que vás à casa do senhor rei e tires de lá uma pedra negra que está no quarto, em cima da mesa de cabeceira.

– Sim senhor, senhores gatos. E é para já.

Então os gatos largaram o rato.

O rato saiu da prisão por um buraco seu conhecido, atravessou os campos metendo-se pelo capim, e achou-se defronte da casa do rei. Aí começou a roer a parede, roeu até a furar, e em breve estava no quarto do rei. Nessa altura encontrava-se o rei na sala de jantar, de maneira que o rato não teve a mínima dificuldade em roubar a pedra. Saiu pelo buraco que havia feito, meteu-se pelo capim e em breve se encontrava na prisão.

Entregou a pedra aos gatos. Estes entregaram-na ao senhor João, o senhor João entregou-lhes duas fatias de carne e os gatos ofereceram uma parte ao rato, como paga dos seus serviços.

HENRIQUE GUERRA

O senhor João pegou na sua pedra negra, recuperada pela astúcia do rato, “Três Calebunço!”, achou-se fora da prisão, “Três Calebunço!”, imediatamente apareceu um belo carro. O senhor João meteu-se no turismo e foi ao encontro da sua linda esposa, que nessa altura já se encontrava vestida apenas com peles.

*in Três Histórias Populares*

Edição: UEA / 1989



## Jorge Macedo

---

Jorge Macedo nasceu em Malanje aos 14 de Outubro de 1941. Obras Publicadas: «Itetembu» (1966), «As Mulheres» (1970), «Pai Ramos» (1971), «Irmã humanidade» (1973), «Gente do Meu Bairro» (1977), «Clima do Povo» (1977), «Voz de Tambarino» (1978), «Geografia da Coragem» (1989), «Página do Prado» (1989), «Literatura Angolana e Texto Literário» (1989), «Sobre o Ngola Ritmos» (1989), «O Livro das Batalhas» (1993), «O Menino Com Olhos de Bimba» (1999), «Ternura de Olhos Verbais» (2004), «Apontamentos Históricos 1979-200» (2004) e «As Aventuras de Jójó na Aprendizagem da Língua» (2004).



## As Aventuras de “Jójó” na Aprendizagem da Língua

Tão! Tão! Tome o Pato.

Todo pequenininho, nesses azulados dias de alegria, Jójó tinha começado a chamar as coisas pelo seu nome. A primeira vez que alegremente conseguira dirigir a ti Adão a palavra pá-pá! pá-pá! pá-pá!, este não soube como traduzir para fora de si a vibração incontrolável que o seu lindo pardalzinho lhe proporcionara.

Antes de adormecerem – marido e mulher – ti Adão confessou à Cati o enorme e vasto delírio que o pequerruchinho do Jójó conseguira causar-lhe. – Calculo a tua emoção – respondeu a Cati. – Eu quase me matei de alegria quando, vezes sem conta, sem parar, como se colhesse estrelas mil, uma a uma, ele disse pela primeira vez, sorrindo: ma-mããã! ma-mããã! ma-mããã!

(...)

Noutro dia, o mais lindo Kassulinha do mundo deu-lhe para se divertir a gargalhadas ilimitadas com a repetição trauteada de palavras que ia ouvindo pronunciar pela Dó, a Tátá e o Zézito, seus irmãos. E visto que o menino não se cansava de transfigurar com graça e beleza o que ouvia dizer aos irmãos, estes riam-se torrencialmente.

Eis senão quando o garotinho de oiro mais repetia trauteamentos engraçados para ver a Dódó, a Tátá, e o Zézito a matarem-se de rir rir rir!

Nesse momento a Televisão de Angola “TPA” passava o filme de bonecos animados de Tom and Jerry. Numa das cenas o cão-alemão perseguia o eterno rival. Mas como o bichano de casa não comia os malandros dos ratos, que roíam pão e queijo, chouriço e sola dos pés e já descaradamente se passeavam diante dos donos da casa, numa descontração nunca vista, como se fossem também filhos da casa, Cati, marido e filho, enraivecidos contra o maldito do gato que não engolia os cachorros dos roedores, gritaram a uma só voz: ai! Cão, come o gato. Jójó não se fez rogado. Antes pelo contrário, acelerou o jogo da repetição brincalhona do que tinha ouvido dizer pelos pais e irmãos, exclamando entre copiosas gargalhadas: – Tão! Tão! Tão. Tome o pato! Tome o pato! Tome o pato!

A linda transportação das palavras ouvidas para outras de sentido completamente diferente desencadeou sonoros e imensos risos a todos. E como a risada também lhe proporcionava indizível gozo, o garotinho foi repetindo cada vez mais ruidosamente:

– Tão! Tão! Tão! Tome o pato! Tome o pato! Tome o pato!

\* \* \*

Como toda e qualquer criança, desde tenra idade, a loucura pelos reбуçados era excessiva no pequenito coração do lindo Menino de Olhos de Bimba. Foi por isso que, depois de começar a falar, dizendo ruidosa e repetidamente pá-pá!, ma-mã, a terceira palavra a aprender foi “pátarádo, isto é, “reбуçado”. Os seus espectadores de sempre, quando o ouviam pronunciar “pátarádo” matavam-se de rir, pois traduziam esta palavra como se fosse “para tarados”. E o espectáculo aumentava porque de facto o consideravam mais que louco consumidorzinho de guloseimas, pior que tarado!

A quarta palavra que aprendeu foi “na-na-na” que ele vivia toda

a hora a cobrar à mãe, pois, para banana, o Menino de Olhos de Bimba era pior que macaco!

Era um rapazinho muito espertote! Apenas tinha um ano e já pronunciava palavras com duas e três sílabas. Os vocábulos mais compridos ele dividia-os em pedaços de duas sílabas. Aprendia-os conforme a sedução que exerciam e o interesse que despertavam à sua imensa paixão menina.

Adorava leite, chá e arroz doce super açucarados. A querida mãe vivia a controlar-lhe o excesso de sacarose. A satisfazer o irrequieto apetite do seu bebézinho de estimação, temia estar ela, mãe, a contribuir para a sua candidatura a um hipotético diabético de palmo e meio.

– Imaginem que eu, mãe, esteja a colaborar para a infelicidade do meu menino de oiro. Seria um crime. Que mãe seria eu? – disse Cati, de si para si.

Por isso o super açucaramento dos acepipes do garotinho se tornaram um verdadeiro pesadelo acrescentado aos já excessivos cuidados que qualquer mãe digna deste nome experimenta. Um menino vive cercado de um sem número de perigos, de doenças.

Que o Menino de Olhos de Bimba ignorava profundamente. Por isso vivia a reclamar super açucaramento de bebidas e comidas, gritando desalmadamente: atúrcar! atúrcar! atúrcar! atúrcar! atúrcar!

De braço esticado e mãozita aberta pedia socorro aos pais e irmãos. A turma tinha combinado nunca satisfazer-lhe a louca paixão. E o menino chorava até não ter mais lágrima para derramar!

Um dia tia Berta, enfermeira que se encontrava em casa a visitá-los, reparou na penosa batalha que o garoto travava para a família lhe transformar papa e leite em doido melaço!

Fez ver que sem exageros deviam satisfazer em parte o pedido do Menino de Olhos de Bimba. Com efeito é, quando se é pequeno vive-se a idade do açúcar abundante!

## Jójó, o Menino de Olhos de Bimba

Os meninos nesse dia brincavam o jogo do “é meu”. Neste jogo os bambinos olham todos para uma coisa, uma borboleta que passa, um avião que voa, um carro, um papagaio de papel, uma pomba branca, uma manga madura de cima de mangueira, etc.. Eles procuram não qualquer coisa, mas sempre a coisa mais bonita. É um jogo de ser o primeiro a descobrir e a dizer é meu. Quando algum deles vê passar, por exemplo, uma bicicleta e diz é meu, todos dizem do mesmo modo “é meu”, “é meu”, “é meu” e por aí ninguém se entende com ninguém. Às vezes quem grita mais alto e muitas vezes dizendo é meu, é meu, é meu até dizer basta, fica o vencedor. Os outros deitam-se a chorar porque querem cada um ser o vencedor e agora sentem haver perdido o tesoiro, sem ninguém lhes ter dito nada.

Nesse dia a turma, isto é, Jójó-chefe, Bolinhas o chefe-segundo, o Piriquito, o Calofas e o Cabalacunda encontravam-se frente à loja do Maia aí às dez da manhã. O sol estava escondido no céu que tinha nuvens escuras e a chuva mostrava-se toda pronta para começar a molhar os bibes deles. Foi Calofas que viu voar um lindo pássaro, gritando com toda a boquinha e sua garganta azul de bimba: é mêêêúúú. Os camaradas de jogo disseram todos à uma é mêêêúúú. Eram vozes de passarinho, doces, leves, a dizer, é mêêêúúú, e com um gritar que não acordava nem os ouvidos leves de uma bebé

dormindo sono miúdo. Como sempre, o Calofas com essa voz de trompete, gritou mais alto e mais vencedor. Os outros então choram e ele pode contar pelos dedos da mão os pingos, de lágrimas que deita de jogo em jogo. Para completar uma lágrima esses seus pingos têm de ser juntos um a um de muitos jogos, até completar um molhinho de orvalho.

Em breve uma bela menina saiu da curva, debaixo de uma sombrinha azul/vermelha e cor madura de caju e aí todos viram com os mesmos olhos, com o mesmo relógio, gritando a uma só voz: é mêêêúúú... mêêêúúú... .

Acharam piada. Pareciam cabritinhos chamado pela mãe mêêêúúú... mêêêúúú... e isso abriu-lhes um rio de gargalhadas. Desta vez ganharam todos e não ganhou ninguém, pois a sombrinha era de cinco cores, uma para cada um dos cinco periquitos.

Na curva vinha um barulho leve de motorizada que parecia começar a andar mas os garotos só lhes ouviam a voz. Todo repimpão, o Cabalacunda apressou-se a dizer: é meu... é meu! – Os outros estavam calados e a querer ver primeiro para depois Cabalacunda jogar às vozes, então é que esfregava as mãozitas ao ouvir calados os colegas e ele sozinho a dizer: é meu, é meu! Gaiato e vencedor, quando de repente o que parecia motorizada era um avô porco sujo que continuava a dizer prrobrrroão, prrobrrroão, como se fosse uma motorizada.

Ao ver tão porco, porco feio, forte, Cabalacunda viu de repente que a voz lhe caíra da garganta, ele próprio tremendo de calafrio. Os outros é que se riam a bom rir com grandes pedaços de gozo. Depressa sorriram. Depressa tornaram ao seu lindo jogo de ter lindas coisas, o azul da praia, as cores bonitas do crepúsculo, os pássaros de penas de encantar, e não sei o que mais, sem se cansarem, apenas por terem gosto ao que é lindo e saberem pronunciar palavrinhas de oiro que encham o coração com mundos belos.

Nessa altura qualquer dos meninos da turma do Jójó sentia possuir os bolsos cheios do muito que já tinham visto e conquistado.

As coisas de não caberem neles certamente já caíam do sonho de sobreter. Os meninos, esses queriam era possuir, possuir, possuir até não poderem mais.

As nuvens continuavam a encher o céu com cores de chuva e cada vez mais uns pingos de sol. A chuva essa grande senhora do mundo continuava a preparar-se para sair do céu à rua . Encontrava-se já vestida de saia preta, blusa cinzenta, botões de espuma. O crepúsculo fazia-lhe um risco. Agora sim, preparada, acendia a luz do quarto, apagava tornava a acender com rápidos relâmpagos. Ao verem quão belo eram os relâmpagos os meninos então gritavam mais alto, é mêêêúúúúú, é mêêêúúúú.

Eis senão quando um clarão piscou o olho, rebentando a altos berros uma grande trovoada. Aí só se sabe que, cheinhos de medo, os garotos cada um sumiu para o seu beco, perdendo na fuga todos os mundos maravilhosos que tinham ganho à beleza das horas.

*in O Menino de Olhos de Bimba*  
*Edição da Câmara Municipal de Viana do Castelo 1999*



## A Noite, a Árvore e o Passarinho de Bibe Maravilha

Eram cinco da manhã, mas a noite continuava muito noite.

E dentro da noite, muitas outras noites falavam umas para as outras, xuliii-xúúúú-chilréii, dizendo coisas muito bonitas entre elas. As noites dentro da noite andavam depressa, os montes caminhando não se sabe para onde. De repente, os montinhos paravam para jogar o jogo do limão-tira-teimas, mas depressa, os pais numa só mãozada agarravam as crianças fazendo-as seguir para a frente. Afinal, caminhando os montes-noites e seus filhinhos, os montículos andavam a espelhar-se por toda a parte, para que nem a luz mais forte deste mundo os apagasse da vida. Eis porque tornavam as horas cada vez mais escuras. A noite lutava com todas as forças e todas as trevas para ser sempre noite. A noite é uma pessoa com pessoas com pessoas dentro de si. A noite quer sempre viver. Por isso luta para que o mundo seja escuridão. Mas quem diria que um pássaro tão-menino, tão-pequeno, tão-nada pudesse lutar sozinho contra um gigante do tamanho do mundo: noite. Pois o que para esta é vida, para o passarinho é a morte: escuridão. Trevas.

Caminhando, vencedora, a noite poisava em todas as coisas o seu peso esmagador, e em vez de caminhar com pernas de vento para não magoar o orvalho, calçara montanhas e as estrelinhas,

coitadinhas, facilmente se apagavam uma a uma.

O passarinho morava numa árvore do mato, à beira do rio. A árvore cheirava a sisal e a cacimbo de cafezais, através do vento que de lá trazia palavras do passarinho. A noite calçada de pares de montanhas gigantes e montes, esmagava que esmagava, ao que um passarinho, gemendo, gemendo dizia a custa o seu meigo piu, piu.

A árvore bem gemia também a todo o vento e a toda a dor. A noite caíra sobre ela com todas as forças e a pobre não sabia já como poderia continuar a ser ninho e a ser esperança de vida para o coitado do seu tesoiro cor-de-crepúsculo, boquinha de orvalho e de mel. Árvore-mãe, porque gemes assim? Porque te faltam forças para libertar a voz linda, que é o mais lindo canto?

Nessa terrível luta quem poderá viver a noite e a luz no mesmo ninho? A noite quer viver. O pirlampo também quer viver, por isso o passarinho geme e meigamente diz: piu... piu... piu... piu.

A árvore, o ninho, a raiz, gemem e dizem:

– Morra eu, viva o bambino. Sabem o canário que ele possui o canto mais belo do mundo.

A árvore gritou, gritou, gritou até que alguém a ouviu. Era a estrela polar que se encontrava debaixo das águas do rio para se salvar de ser apagada pelas botas esmagadoras do monte. Como a árvore tem os pés enterrados até à beira do rio, a estrela polar que lá se encontrava em banho-maria entrou pela árvore dentro e disse para o canário: Oh! Coitadinho do pequerrucho! Que mal fizeste para te quererem esmagar? Iiiiih! Que lindas são as cores do teu bibe! Por que carga de água há olhos que esmagam tanta beleza e tanto encanto? Olha, eu dou-te esta boquinha de ouro que deverás guardar como o maior tesouro da tua vida. É uma estrela que toda a gente tratará como biquinho vermelho, mas que de facto será de facto sempre estrela para amanhecer.

Ao dizer isto a estrela polar desapareceu.

Logo após o seu desaparecimento, o pássaro de bico-maravilha foi reparando que cada vez que dizia piu... piu, a sua boca soltava

## A BONECA DE PANO

chamas de ouro, que se foram juntando e transformaram a noite em pirilampo, em lume, aurora, clarão, claridade e risonha manhã. A árvore que tanto gemia, foi sentindo um claro alívio, à medida que o seu lindo passarinho se libertava, até que ela, árvore, caíra em mãos de um grande sono. O canário cantava o mais lindo hino de amor, a claridade espalhava do seu corpinho perfume a cheirar a orvalho, a leite. O pássaro de bibe-maravilha nunca mais parou de cantar e a noite jamais pôde evitar o nascer do dia em todas as manhãs do mundo.

*In: O menino de olhos de bimba*

Edição da Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1999



## José Samwila Kakweji

---

José Samwila Kakuweji nasceu em Caianda, Província de Moxico aos 15 de Agosto de 1943. Obras Publicadas: «Viximo» (1987) e «Viximo II» (1989).



## A Lebre e o Mocho

No passado a Lebre e o Mocho viviam como bons amigos e visitavam-se com a maior frequência possível.

Certa vez a Lebre, cheia de curiosidade, perguntou assim ao Mocho:

– Ora, amigo Mocho, diz-me lá uma coisa: entre uma galinha preta e outra branca, qual das duas achas ser mais esperta?!

E o Mocho respondeu prontamente:

– Afinal, a esse assunto é muito fácil responder. Eu acho que a galinha preta é mais esperta, porque ela consegue pôr ovos brancos, ao passo que a galinha branca não é capaz de fazer a postura de ovos negros.

A Lebre ficou muito satisfeita e agradeceu:

– Sinto-me feliz e estou bastante agradecida, amigo Mocho!... Mas, ainda tenho cá outra dúvida: em relação à tua geração, todos vós sois espertos, pois não!? Agora diz-me lá também se a mochela é capaz de pôr um ovo escuro!...

A resposta do Mocho já estava na ponta do bico:

– Em verdade te digo que a minha mulher é tão esperta que nada lhe custa colocar-te aqui aos pés um ovo bem escuro como breu.

Depois desta aposta, o Mocho dirigiu-se a uma gruta que ficava

ali perto. Entretanto, quando lá chegou, já a fêmea havia acabado de pôr um ovo branquíssimo.

Então, o Mocho sentiu tamanha vergonha e começou a pensar:

– Se, por acaso, agora eu saio desta caverna, à luz do dia, como é que vou explicar a todos os animais presentes a que prometi apresentar um ovo escuro da postura da minha mulher?!...

Incapaz de cumprir a sua promessa, eis que o Mocho optou por permanecer na gruta todo o período diurno, só saindo dela a coberto da noite.

*Conto inédito do povo Luvale*



## A Águia e as Galinhas

Outrora, enquanto as águias ainda não sabiam voar, eram muito amigas das galinhas.

Certo dia, porém, a Águia achou uma agulha mágica e com ela coseu as suas penas e começou a voar a partir dali.

Entretanto, as galinhas, tendo visto a sua amiga no céu, no espaço a adejar livremente, também gostaram de fazer aquilo e um dia pediram-lhe:

– Amiga, empresta-nos a tua agulha, porque nós também queremos voar e admirar as belezas que tu desfrutas lá das alturas!

A Águia respondeu:

– Não posso! Receio que vós percais a agulha e, portanto, se rompa a nossa velha aliança!..

Todavia, as galinhas insistiram na sua pretensão:

– Podes estar descansada e confiar em que nós a guardaremos com maior segurança! – afiançaram as desgraçadas.

No fim, a Águia anuiu e emprestou-lhes a sua prestimosa e mágica agulha, sem deixar fincar a tremenda ameaça:

– Eu empresto-vos a minha agulha contanto que a não percais sob pena de cortarmos as relações de amizade ora existentes.

Depois dali, sem passar largo tempo, correu uma notícia muito

JOSÉ SAMWILA KAKWEJI

triste quando se soube que a primeira Galinha que se tinha utilizado da preciosa agulha a perdera de dia para noite.

Ali, a Águia mobilizou os seus irmãos e suas irmãs; ficaram furiosos e começaram a dar caça às galinhas ao tornarem-se, a partir daquele dia, inimigos até que os galináceos recuperassem a agulha perdida.

Até hoje em dia, as galinhas se refugiam para locais seguros, como debaixo de arbustos, sempre que avistam a Águia. Mas após o pavor passar, eis que elas voltam a esgaravatar a terra no esforço de reaver a agulha alheia por elas perdida.

Conto inédito do povo Luvale

## John Bella

---

Jonh Bella nasceu em Luanda aos 30 de Setembro de 1968. Obras Publicadas: «Água da Vida» (1995), «Panelas Cozinharam Madrugadas» (2001), «A Canção Mágica» (2001), «Cântico Romântico (à Paz)» (2003) e «A Esperteza dos Animais» (2006).



## A Canção Mágica

No princípio do mundo, Kalunga criou o Galo, a Galinha, o Pato, o Ganso, o Peru e a Pomba-Cinzenta, cada um à sua forma.

Num certo dia, chamou-os junto a um lugar sagrado, e falou-lhes:

- Subirei para o Céu... É lá o meu lugar... e vocês, aqui na terra, portem-se como deve ser. Não exijam nada que eu mandarei tudo o que for necessário... A lua, o sol, o vento, as nuvens, o calor, o frio, o dia, muitas e muitas coisas eu enviarei.

Quando vos faltar água da vida nos lagos, rios e lagoas, encherei as nuvens de suor e chuva que molhará de novo a terra.

Naquele lugar, estavam todas as aves reunidas. Ninguém quis faltar ao último apelo do criador. Por isso mesmo, estavam ali sentadas escutando tudo, sem um ruído sequer, enquanto Kalunga continuava...

- Todos vocês aqui presentes, viverão de igual, numa grande gaiola chamada capoeira. Nunca vos faltará o milho, a cevada, o trigo, e mal nenhum vos acontecerá se fizerem tudo como eu mandar, e não desobedecerem a nada...

A Pomba-cinzenta voará nos altos céus. Mas, terá que ser na terra onde virá buscar o que comer, e dormir... O Pato e o Ganso nadarão nas águas límpidas dos rios, lagos e lagoas mas, muita

atenção! Saberei o devido momento para vos mandar alimento e água... Não será preciso pedirem, sob pena de serem castigados! A porta da gaiola estará sempre aberta. Poderão sair e entrar nela sempre e quando quiserem.

Depois de tantas recomendações, chegou a vez do “Grande Kalunga” seguir para o céu. Ninguém o viu partir. Os animais sentiram apenas um ruído e uma nuvem colorida em que ela nela desapareceu.

Ao anoitecer, após terem-se fartado de saborear as delícias da natureza oferecidas pelo Kalunga, o Galo, a Galinha, o Peru, o Ganso e a Pomba-Cinzenta, em fila indiana, entravam na capoeira.

Alguns momentos depois, tudo parecia mais calmo...

No bosque, pela manhã, o verde esperançoso das plantas, parecia dar bom dia aos Pássaros e Libelinhas...

Ao entardecer, os raios de sol davam luz às águas puras da ribeira, onde o pato e o seu primo Ganso, ora mergulhavam, ora nadavam, numa alegria que parecia não ter fim.

Isso durou até que, numa bela manhã, os animais da gaiola saíram em protesto de algo que, para eles, não estava a correr nada bem...

Juntaram-se ali mesmo, onde um dia viram Kalunga partir pela última vez, após ter falado para eles...

- Cá cá ra cá... Isto já é de mais! – retilava a Galinha gagá. – Estou farta de tanto frio, quando justo preciso de calor para aquecer os meus ovos...

Kalunga deveria mudar logo o frio para o calor, sempre que eu estivesse a desenvolver o germe das minhas crias!

- Pois en, pois en! – reclamava o Pato-penudo. – Olhem aqui para mim...

Quando estou farto de calor e preciso de uma boa água para me banhar, não consigo, pois tenho de esperar pela chuva... E a chuva, só Kalunga tem guardado e envia quando bem lhe apetece! – concluiu.

- O meu primo tem razão- acrescentou o Ganso-lisudo. –

também sofro a mesma praga que ele! Por vezes tenho de andar milhas de distância para encontrar água... Quando chego perto de um rio, os peixes dizem-me que o Kaluga ainda não encheu as nuvens de suor, por isso as primeiras gotas de água não caíram sobre o rio. Temos de cobrar isso ao Kalunga- rematou.

- E eu? – queixava-se o Peru-grandão. - De todos nós, sou o único que não consigo esvoaçar um bocadinho sequer... Que desajeitado é Kalunga... Deveria ele morrer!

- É... É – acrescentou a Pomba-cinzenta- como gostaria de ser grande como vocês... Mas, olhem pra mim... Kalunga ao me fazer, deu-me esse corpinho apenas... reduziu-me em tão pequenina! E todos começaram a resmungar, resmungar até que o Galo-galã que lá estava, escutando tudo e todos disse:

- Para quê tanta confusão?!

Por acaso, esqueceram-se todos do último apelo do grande Kalunga de que, ele mesmo mandaria tudo a seu tempo sem termos que reivindicar nada, sob pena de sermos castigados?! Como seria possível Kalunga nos dar frio, a chuva e o calor só num dia?

Tu... Ó Pomba-cinzenta- continuava o Galo. – Como te atreves queixar-te se entre nós, aves de capoeira, só a ti Kalunga deu o privilégio de ter asas para poder voar a qualquer distância nas alturas?! Que falta de gratidão a vossa! E tu, peru-grandão... deverias agradecer ao Kalunga por ter-te feito entre nós, o mais corpulento de todos!

Mas, antes que o Galo terminasse com o seu discurso repudiador, o Pato penudo interrompeu-lhe dizendo:

- A ti, senhor Galo... Quem deu ordens para falar em nosso nome?!

- É verdade... Quem é você também?! - desafiou-o a Galinha-gagá.

- É mesmo en... metido! O que estás para í a dizer, seu Galo da crista baixa?!

Insultou-o o Ganso-lisudo.

- Acho que ele não está bom da cabeça... Está a endoidecer! –

ironizou a Pomba-cinzenta.

- É urgente tomarmos medidas contra este Galo! Não vá ele estragar todos os nossos planos. – Rematou o Peru-grandão.

- Temos que fazer algo para o calar! – avançou a pomba nas suas palavras.

E todos começaram a murmurar contra o Galo, até que o pato decidiu:

- Já sei... para o calarmos e não nos incomodar mais, vamos achar uma corda e amarrá-lo numa árvore... para não mais falar, o seu bico será também atado com fio e deixamo-lo aí... Já assim, poderemos continuar à-vontade com as nossas decisões, sem sermos interrompidos por este palerma! – disse o Peru, com ares de chefão.

- Aplaudido, aplaudido – gritavam todos, mostrando estarem de acordo com o Peru. De seguida cercaram o Galo. Agarraram-no, e fizeram-lhe o que o peru sugeriu.

Livres da opinião do Galo, as restantes aves regressaram assim, ao princípio daquilo que haviam conversado.

- E como faremos nós para fazer chegar o nosso protesto ao grande Kalunga?! – perguntou o Pato.

- Sim, é verdade! – acrescentou a Galinha.

- Ah, mas então não sabem?! – dizia o Peru, num tom de gozação. – O imbecil do Kalunga deu asas à Pomba... só ela poderá subir às alturas de onde ele se encontra, e levar a nossa mensagem de protesto! – Certo! Certo! – Concordaram os restantes, enquanto o Galo permanecia amarrado à árvore com o bico atado para não poder falar mais.

Depois, os cinco decidiram subscrever numa carta todas as reclamações que possuíam contra o Grande Kalunga e entregaram-na à Pomba. Está, enquanto voava, voava levando o protesto subscrito na carta que carregava no bico. A carta ia-se tornando cada vez mais negra na cor tão triste... porque nela não continha a obediência, a gratidão e o amor que deve existir entre os seres.

Era uma carta carregada de ódio e mentiras, desobediências e ingratidão. Por isso mesmo provocou a ira do Grande Kalunga. Este,



decidiu castigá-los da maneira mais severa, exprimindo lá de cima, numa voz sonante e autoritária, proféticas palavras que se fazem cumprir até hoje. Ele decidiu assim:

- Por desobedecer-me e não ser grata pelas qualidades que lhe dei, tu Pomba, serás expulsa do galinheiro!... passarás a viver recolhida num lugar no alto que se chamará pombal, para não te aperceberes do momento em que será colocada a ração para as outras aves comerem. Se por acaso te aperceberes e rápida desceres e começares a comer os primeiros grãos do cereal, elas correrão a baterem-te, e voltarás a fugir voando para o pombal. Pois, delas não poderás te defender... continuarás desse tamanho como sendo a ave mais pequena entre elas!...

E por seres também a portadora da carta de protesto com todas essas asneiras, deixarão de chamar-te Pomba-cinzenta para seres o Pombo-correio...

Passarás a levar o correio dos homens de um País para o outro, cada vez mais distante e sem descanso. Em paga, nunca receberás vencimento por esta trabalho! Lá está, o teu castigo merecido. Logo de seguida, a sentença para o Peru...

- A ti, senhor Peru – prosseguia Kalunga na sua cólera.

- Chamaste-me desajeitado criador, imbecil, e como se não bastasse até, sugeriste a minha morte! Pois bem... Como tal, continuarás assim sem poder voar. Entregar-te-ei ao bicho-homem e ele te fará viver durante todo o ano, mas não poderás passar o Ano Novo! Morrerás na véspera do Natal, como merenda para a mesa da família. Esta é a tua punição.

Quando já o Pato-penudo tentava esconder-se para não ser atingidos pelos castigos, eis que chega a sua vez, e Kalunga decide:

- Pato és, Pato serás para sempre! A festa nenhuma serás convidado... Quando por lá às escondidas apareceres, os festeiros pegarão em ti, jogarte-ão para o ar dizendo: “Camarada... Patos-fora”! A mesma desgraça terá o teu Ganso que continuará com uma voz rouca, muito rouca. Esse, será o vosso destino! – Rematou Kalunga. – E quanto a si, Galinha... serás canja-de-Galinha, Galinha cabidela e teu corpo arderá em chamas para churrasco do bicho-homem. Má sorte, por te teres

juntado aos revoltosos contra mim! – Finalizou.

Por ter praticado uma boa acção, o Galo não foi castigado mas, até pelo contrário... foi premiado. Com o seu poder invisível mas forte, Kalunga desamarrou o Galo e decidiu:

- Galo... entre todos, fostes o único que demonstraste uma boa acção, ao te opores contra estes malfeitores, e por isso foste humilhado por eles! Pois bem... por não me teres desobedecido, ao praticares o bem segundo os bons princípios, dar-te-ei um prémio. A partir de agora passarás a comandar a capoeira, e serás Rei-em-chefe da mesma! Já não te chamarão de “Galo da crista baixa” pois, dar-te-ei uma crista enorme parecida com a coroa de um Rei... Andarás a bater em todas as aves sempre que achares necessário, e elas não poderão reivindicar... se o fizerem, eu não darei ouvidos, para castigo maior!

Quando por sinal o bicho-homem decidir comer-te, não te aflijas porque a tua alma não morrerá. Estarás logo aqui a meu lado. E se porventura alguém perguntar ao homem qual foi a carne que comeu, ele responderá: “comi carne de Galinha”! O meu poder vai transferir esse sacrifício para o corpo da Galinha, e tu não sentirás nada. Pois como já disse, a tua alma ficará aqui, a meu lado. E, como forma da minha suprema gratidão, ó Galo; poderás fazer um pedido à tua escolha!

E o Galo, sem mais demora pediu:

- Sim, grande Kalunga... Quando for madrugada, quero ser eu, a trazer o dia para todos.

- Decidido - respondeu Kalunga. - sempre que escurecer, pela madrugada bastará entoares esta canção mágica:

- Có córócóóóó... e o dia, começará logo amanhecer.

E é por isso que hoje, quando o Galo canta pela madrugada, o dia começa a clarear. Foi assim que tudo aconteceu.

## Maria Celestina Fernandes

---

Maria Celestina Fernandes nasceu no Lubango aos 12 de Setembro de 1945. Obras Publicadas: «A Borboleta Cor de Ouro» (1990), «Kalimba» (1992), «Retalhos da Vida» (1992), «A Árvore dos Soba» (2001), «Poemas» (1995), «Presente» (2003), «O Meu Canto» (2004), «Os Panos Brancos» (2004) e «A Estrela Que Sorri» (2005).



## Os Dois Amigos

Sabes o que é um amigo? Não sabes?

Então, para melhor compreenderes o que isso é, eu vou contar-te como o Marito e a Jú se conheceram e se tornaram amigos.

Marito sentia falta de alguém com quem pudesse falar à vontade, alguém para partilhar as coisas boas e más: as alegrias da escola e os castigos que o entristeciam muito, as brincadeiras, os segredinhos, as histórias que a vovó Pancha inventava e lhe contava ao adormecer, etc.

Ele já andava mesmo um pouco triste, por não encontrar uma pessoa com algum tempo para lhe dar um pouquinho de atenção.

Ora, um dia estava Marito sentado no banco do jardim quando passou por ele a Jú, uma menina da mesma idade.

Jú olhou para Marito e sorriu-lhe. Foi um sorriso tão bonito que cativou o rapazito solitário. Ele viu naquele gesto simpático um convite para serem amigos.

Assim, Marito levantou-se e foi ao encontro da menina que lhe tinha sorrido com aquele sorriso tão bonito.

Jú, sempre sorridente, estendeu a mão a Marito e de mãos dadas passearam pelo jardim. Até parecia que já se conheciam...

Depois pararam e ficaram sentados debaixo de uma grande figueira carregada de figos vermelhos, toda coberta de folhas, muitas

folhas que abanavam com o vento e davam uma sombra fresquinha.

Marito falava e a companheira escutava-o. Quando Jú falava ele também lhe prestava toda atenção e os dois entendiam-se, mesmo quando as palavras não transmitiam tudo o que eles queriam dizer.

Jú repartiu com Marito os dois doces de jinguba que trazia embrulhados num papel.

Marito tirou as maçãs da Índia e o tamarindo que guardava nos bolsos e ofereceu a Jú.

Procuraram pedrinhas, cavaram buracas e depois disso Marito ensinou Jú a jogar Kiela; traçaram riscos na areia e jogaram à macaca; brincaram o zero, zero. Enfim, fizeram tudo o que lhes apeteceu fazer juntos naquele momento.

Entretanto o sol começou a ficar vermelho, já queria ir deitar-se, era hora de parar a brincadeira e irem para a casa.

Os dois estavam cansados, mas aquele cansaço só dava alegria, por isso separaram-se com pena.

Marito tinha finalmente encontrado uma amiga e ele era também amigo de alguém, que é ainda mais fixe!

A partir daquele dia, o Marito e a Jú nunca mais se perderam de vista e quando se encontravam era uma festa e havia sempre muita coisa para contar.

Na ausência pensavam um no outro e sentiam saudades se passasse muito tempo sem se verem; acreditavam e ajudavam-se mutuamente.

Eles nunca se zangavam quando não estavam de acordo, porque nem sempre as pessoas podem ver as coisas da mesma maneira; faziam o possível por conciliar os pontos de vista.

Não achas isso maravilhoso?

Agora que já sabes o que é um amigo, se ainda não tens nenhum vai à procura, é difícil viver sem amigos. Na dificuldade o bom amigo consola e ajuda.

## As Três Aventureiras

Era uma vez três manas formigas aventureiras.

Nini se chamava a mais velha das manas formigas, a segunda era Nonó e Ninote a cassule, por sinal a mais gorduchinha e irrequieta.

Um dia estavam as três manas passeando pelas praias da nossa ilha quando uma coisa lisa e dura, enterrada na areia da praia, chamou-lhes à atenção. Curiosas como eram, tentaram logo desenterrar a tal coisa.

Puxa daqui, puxa dali, depois de muito suarem elas conseguiram o que queriam, retiraram da areia a coisa lisa e dura, que afinal era um pedaço de cascão de coco.

Após todo o esforço que tinham feito as manas formigas deram um mergulho para refrescar e afastar o cansaço do corpo. Em seguida saíram da água, deitaram-se na areia de barrigudinha para o ar e assim ficaram a relaxar, bronzendo-se ao sol e deliciando-se com as carícias da brisa amena que soprava.

Mas Ninote, que era a menina das mil ideias, enquanto deitava, não estava só aproveitando o bem bom do mar, do sol e do vento fresquinho – a sua cabecinha, como sempre, não parou de pensar um só segundo.

De um salto levantou-se, agarrou no pedaço desenterrado, sentou-se bem próximo das manas e lançou para fora tudo o que tinha na cabeça.

– Tenho estado aqui a pensar e a repensar no que poderíamos fazer com esta casca de coco e já tenho uma ideia. Vamos construir um barquinho de recreio. Este sempre foi o nosso sonho, acho que chegou o momento de o realizarmos. O que acham?

Nini e Nonó levantaram-se e sentaram-se também. Ficaram caladas por um tempo a reflectir no que a mana cassule acabava de propor. Foi Nini, a mais velha, quem quebrou o silêncio dizendo:

– Bem, a tua ideia não é má, na verdade este é o nosso maior desejo, mas um barco não é só o casco, e o resto?

Aí Nonó, também já entusiasmada com o projecto, avançou:

– Ora vejam, o principal para a construção do barco é mesmo o casco e isso já temos. Agora há que pensar nas velas e nos remos. Trapos e bocados de madeira encontraremos de certeza, porque o que mais abunda por aqui, infelizmente, são montões de lixo e em algum deles havemos de achar o que necessitamos.

Todas abanaram a cabeça em sinal de acordo e falaram:

– É isso mesmo, tens razão, material havemos de encontrar facilmente.

E concluíram com a palavra de ordem – Mãos à obra, ao trabalho, companheiras!

Taçaram o plano de trabalho. Foram distribuídas as tarefas. Ninote, a sabichona, era a mais rápida a dar sugestões.

Com a ligeireza e habilidade, que bem caracterizam as incansáveis formiguinhas, elas trabalhavam dia e noite sem parar.

Começaram por preparar o casco – limpeza por dentro primeiro, para tirar os restos de coco ainda colados à casca, depois limpeza por fora. Após isso passaram ao trabalho de dar forma verdadeira ao barco. Fizeram as velas, os remos e colocaram três banquinhos, para poderem viajar comodamente.

Quando tudo parecia terminado e a contento de todas, Ninote disse:

– Minhas meninas, esta cor não dá. É tristonha demais para o nosso espírito alegre e aventureiro. Temos de lhe dar mais vida.



– Tens razão, Ninote, mas de onde vamos tirar a tinta para pintar?  
– perguntaram-se as manas.

– Olhem só, acolá naquela lanchonete estão a fazer obras, certamente que deve haver nas latas atiradas para o chão sobras de tinta – rematou Ninote.

– Esta cassule tem sempre ideias “bué fixes”, vamos lá dar uma olhadela.

Passaram uma revista e sempre deu para aproveitar os restinhos que os senhores da pintura tinham deixado no fundo das latas. Dos restinhos de tinta fizeram uma mistura da qual saiu um azul marinho vivo, bem ao gosto das manas formiguinhas.

– Agora sim! O nosso barco está mesmo de fazer inveja – gabaram-se elas. E acrescentaram – “Isto é só para dar mais raiva da cara...” – Ah, ah – desataram a rir.

Estavam muito felizes com o barquinho que tinham construído e não deixavam de ter razão, porque era na verdade muito lindo!

Marcaram a data da inauguração e, pontualmente, no dia e hora combinado, lançaram o barco à água e partiram para o passeio há tanto tempo idealizado.

Ninote era praticamente a comandante do barco. No momento da partida ergueu a bandeirola branca em sinal de que seguiam em paz; a mesma paz que as três irmãs desejavam do fundo do coração para todos.

Utilizaram os remos para a largada, depois, de velas ao vento, aí foram elas ao sabor das ondas e dos ventos.

De quando em quando, sobre as suas cabeças sobrevoavam baixinho gaivotas, para apreciar o barquinho de casca de coco e admirar a tripulação de formigas aventureiras que seguiam lá dentro.

Após algum tempo no alto mar elas enxergaram uma ilha coberta de coqueiros e para lá rumaram.

Chegadas a ilha coberta de coqueiros, ficaram encantadas com a beleza e o sossego que por lá reinava. Ao contrário da grande ilha de onde tinham partido, aquela tinha praias limpas, sem grandes

amontoados de pessoas e um mar muito azul.

– Vamos descer para melhor apreciarmos esta beleza da natureza – falaram as três ao mesmo tempo.

Dito isto, lançaram a âncora ao mar; com a ajuda dos remos alcançaram a terra e desceram do barquito, preparadas para um bom passeio pelo sítio.

Andando pela areia dourada e limpa, iam admirando os encantos da ilha. Cruzavam-se com outras formigas, que, sempre atarefadas e apressadas, a muito custo paravam para falar, mas elas aceitavam isso bem, porque é assim mesmo a maneira de viver delas. Trabalhar, sempre trabalhar.

Porém, à medida que iam avançando pela ilha adentro, iam ficando cada vez mais espantadas com as luxuosas moradias que descobriam, com sinais de muita riqueza – barcos caros, muita comida, muita bebida, enfim tudo o que afinal estaria bem se, no mínimo, para as crianças esfarrapadas, que encontravam a cada passo pedindo esmola, não faltasse o pão, saúde, escola e uma casita para morar – assim pensavam as sonhadoras formiguinhas.

Já cansadas de tanto ver e caminhar decidiram ir para o mar e soube-lhes bem mergulhar naquela água fresquinha e transparente.

Como tinham gostado tanto da ilha, elas decidiram ficar por lá uns dias. E de novo mãos à obra; e do trabalho surgiu uma linda barraquinha feita de palmas de coqueiro.

Foi muito agradável o tempo que passaram ali, na ilha dos coqueiros, mas tinha chegado a hora do regresso para o retomar das tarefas do dia a dia. As formigas como já sabem têm pouco tempo para a mangonha.

Aconteceu, no entanto, que na hora da largada, Nini e Nonó repararam que Ninote estava triste demais. As irmãs não compreendiam a razão de tão exagerada tristeza, se estavam regressando à casa e além do mais a cassule não era nada choramingas.

Afinal o que era? Vou vos contar...

Era paixão! A cassule tinha-se apaixonado, guardando segredo

absoluto. Discretamente, sem se dar a aperceber, estava um *formigo* que se vinha despedir de Ninote e olhava para ela com ar sonhador, todo enamorado e muito triste também. Só quando o barquinho começou a mover-se é que as irmãs deram conta do que estava a acontecer. Pois Ninote com lágrimas nos olhos acenava para o tal amigo e a dado momento, não se contendo mais, gritou.

– Espera por mim, meu amor, eu voltarei!

Nini e Nonó estavam parvas, não sabiam o que dizer e por fim desataram a rir até lhes caírem também lágrimas dos olhos. Riam porque sabiam que aquilo era coisa passageira.

As manas mais velhas tinham razão. Percorridas algumas léguas já Ninote tinha enxugado as lágrimas e estava a dar dicas para uma nova aventura, com o entusiasmo de sempre.

*Inédito*  
*In A Filha do Soba*  
*Edição: Nzila / 2001*



## Maria Eugénia Neto

---

Maria Eugénia Neto nasceu em Trás-os-Montes (Portugal) aos 8 de Março de 1934. Obras Publicadas: «E nas Florestas os Bichos Falaram», Prémio de Honra da Comissão Cultural da então RDA para a UNESCO (1977- Leipzig), «Foi Esperança e Foi Certeza» (1979), «A Formação de Uma Estrela e Outras Histórias na Terra» (1979), «A Menina Euflores/Planeta da Estrela» (1988), «O Vacticínio da Kianda na Piroga do Tempo» (1985), «Este é o Canto» (1989), «As Nossas Mãos Constroem a Liberdade», «A Lenda das Asas e da Menina Mestiça-Flor», «A Trepadeira Que Queria Ver o Céu Azul e Outras Histórias», «As Aventuras de Amor /Flor em África», «A Montanha do Sol» e «O Soar dos Quissanges» (2000).



## O Bicho das Patas Mil

Querem que vos conte uma história? A minha história?... Pois bem: eu sou o **BICHO DAS PATAS MIL!**...

Comecei há muitos anos. Andei uma longa caminhada, mas com mil patas não me foi muito difícil chegar até cá a esta era.

Apareci quando havia florestas e verde para que pudesse esconder-me, na protecção de uma folhita, do calor, do frio e do orvalho da noite.

Gosto muito de aparecer depois da chuva. Levo nas minhas patas as gotículas que roubo às ervas, pregando – lhes estas partidas... Não raro elas resmungam, essas vaidosas verdes, por esta simples coisa que é o roubo de umas gotas! É que querem mostrar-se vestidas de diamantes e de pedras de muitas cores! Têm mesmo o atrevimento de pretender competir com o Sol quando ele, depois da chuva, se põe a brilhar num céu lavado de nuvens. Nesse momento, transformam as gotas de água em rubis, esmeraldas, topázios... E, para isso, ordenam à brisa suave que sopra daqui, dali, e que as corte de modo igual ao das pedras preciosas, para mostrarem melhor os reflexos das cores...

Como são demasiado vaidosas, de vez em quando levo-lhes as gotículas nos meus mil pés, e elas furiosas dizem que nunca mais me receberão! Mas passa-lhes. Eu sei acalmá-las! Somos até amigos.

Quando estão sedentas, vou aos riachos e devolvo-lhes as gotas e fazemos as pazes. Nesse momento, até me agradecem e chamam-me amigo.

Olhem, o meu corpo parece um cilindro. E assim é, realmente, pois enrolei-me, enrolei-me até ficar como estou agora. E assim acumulei muita energia ao correr dos anos. Ela me sustém quando tenho de permanecer enfiado na terra. Sem água não sou ninguém! Por isso devo dormir muitos dias.

Gosto também, de vez em quando, de ir visitar a casa dos humanos. Gosto de ver as casinhas bonitas, caiadas de branco, e muitas vezes atrevo-me a subir pelas paredes acima. Eu sei o que arrisco do dono da casa! Mas nem sempre consigo resistir à tentação. É que, apesar destas mil patas, sou incapaz de fazer uma casa à altura do meu gosto, para me proteger de chuvada a chuvada. E, levado pelo amor às coisas bonitas, lá vou eu no meio dos homens.

Gosto de me misturar com os miúdos na chuva. Às vezes andamos a brincar juntos nela, mas eu, por medida de precaução, nem sempre lhes apareço. Mas lá estou às cambalhotas com eles, protegido por um ramo qualquer... Tenho muitos amigos, porque também sou amigo de todos.

Gosto de fazer desenhos. O mais frequente é com o meu corpo formar um círculo. Pareço um anel, ou uma circunferência. Outras vezes, não fechando totalmente o anel, faço um C, o C, da **CERTEZA** que tenho de que vocês vão tratar de mim. E assim faço também uma semicurva e transformo-me em S, de **SÁBADO!**... Dia de brincarmos, quando vocês regarem os canteiros da escola. Quero dizer-vos que ficarei fresquinho com a chuvada do vosso regador. A terra ficará mole, e eu, com as minhas patitas, poderei abri-la e sair.

Às vezes, eu sei, vocês ficam furiosos comigo, porque vos roí as folhas das plantas que querem que cresçam. Mas é vossa culpa! Quem lhes manda não plantarem relva, que é o meu sustento? E quem lhes manda não porem água suficiente para que as plantas se tornem



A BONECA DE PANO

exuberantes e todos fiquemos contentes?!...

Ora esta, façam favor de cuidar de mim! Cuidando de mim, cuidam das plantas e das flores que devem ter nos canteiros da escola. Sim, das flores. Vão ver como elas aparecerão de muitas cores, sem mesmo serem plantadas. É que a terra tem muitas sementes que só esperam a água para abrir e mostrar-se a vocês...

Aqui fica esta pequenina história. Ela é pequena, igualzinha a mim. Mas não é preciso ser grande para se ter amigos, pois não?...

Vocês, pequeninos, têm ou não têm amigos?...

Claro que têm e eu sou um deles!

Até novo encontro, miudagem, com um outro bichito.

*in Trepadeira que Queria Ver o Céu Azul*

Edição: Europa-América

## A Trepadeira que Queria Ver o Céu Azul

Ela era linda, toda de campânulas enfeitada! Do tronco redondo, de dezenas de metros, saíam de cada lado e de espaço a espaço estas belas flores – formosas como há poucas na Terra...

Imaginem um sino virado ao contrário. Eu penso que os artesãos antigos, ao inventarem o sino, copiaram as campânulas silvestres.

*Silvestres* quer dizer que nascem espontaneamente nos campos, como as silvas. Estas alastram na terra e têm picos ao longo do tronco, tornando difícil as pessoas passarem.

Já agora vos digo que o arame farpado é uma cópia também... O homem é um copiador... Tão copiador (ainda lhe falta muito para saber copiar bem, mas enfim, lá se vai arranjando), tão copiador, dizia eu, que esses artífices antigos, que foram os homens que fizeram as panelas, as frigideiras, etc., etc. (o resto vocês conhecem na cozinha da mãe), olhavam, e, trás... lá tomavam estes a forma dos seres da natureza, adaptando-se às necessidades do homem.

Então uma panela não pode ser muito bem uma corola de flor? Imaginem só um pouco e vão ver que concordamos nesta conclusão! Uns dirão:

– Que coisa, uma panela amolgada, enferruscada, tratada às vezes sei lá como, ser uma reprodução ou a imagem de uma flor! Esta

agora!...

Mas eu continuo na minha. Sim senhor, pode muito bem ser. O sino não pode ser flor? Então a panela também pode. Até porque o sino pode transformar-se em panela...

E esta? Já vejo alguns a concordarem comigo. Pois claro, pensem e verão que pode ser verdade.

Só que é preciso, em casa, tratar a panela com carinho e conservá-la bem limpa, sem machucadelas, pensando que ela é a imagem da flor. E, sendo assim, deve ser tratada bem, pois a flor, ao mais ligeiro toque desastroso, murcha. A panela, coitada, não morre logo, mas em que triste estado ela fica...

Bem, mas agora dêmos um saltinho à mata e deixemos a cozinha, a cidade e tudo o resto. Vamos debruçar-nos sobre a linda trepadeira que escolhemos hoje para aprendermos a amar e a reproduzir na escola e no quintal da casa. Basta só um pouquinho de água e uma protecçãozinha à volta.

Mas vamos lá. Como dissemos no início da nossa conversa, ela nasce perto de uma árvore e cresce enrolando-se ao tronco. Cresce até atingir o sol e o céu.

Aí, pára, porque já vê o céu e o sol e é vista por eles.

Em certas horas do dia veste-se com a cor do firmamento, de um azul-tinta. Outras vezes é roxa ou lilás. E então, recebendo o calor e os raios de luz, começa a fortificar-se. O seu tronco inicial cresce lá em baixo no sopé da árvore, subdividido em muitos braços esguios da grossura de uma corda vulgar. Forma mesmo, às vezes, uma espécie de rede (aqui os braços são bem mais fininhos) e, quando está bem estabelecida, brota as flores alegres, vistosas, maravilhosamente belas. Ao pôr do Sol, elas fecham-se, como nós fechamos as portas e as janelas de casa. A aragem suave traz-lhes os votos de boa noite do Sol...

Quem não reparou já na beleza do pôr do Sol ao esconder-se nos nossos mares de Angola? Pois se ainda não repararam, façam favor de olhar e ver. Ficarão vaidosos de ele se mostrar, ao fim do

dia, tão lindo para nós... É claro que isto é uma recompensa para os que trabalham e vão regressar a casa. Quem não cumpriu o seu dever de cidadão não sentirá esta beleza do Sol, olhará e não sentirá o mesmo que aquele que cumpriu a sua tarefa.

Por isso, eu estou a chamar a vossa atenção, miúdos, para a beleza que vos circunda, para que vocês aprendam com ela a ser generosos e honestos trabalhadores e obreiros, preservando o que está em redor de nós. É por isso que a panela tem de estar limpa e sem amolgadelas, mesmo se ela repousa sobre uma pedra, à laia de armário, por não haver outro sítio onde a guardar.

Lembrem-se que a campânula emprestou a forma à panela. E a panela, sendo a imagem da flor... Bom, já sabem o resto, a gente bem se entende...

Eu vou mesmo enviar para vocês, em nome da nossa trepadeira, um abraço florido, numa correnteza de flores, cuja cor varia entre o azul e o violeta e a que eu daria o bonito nome de anil. Um abraço e um beijo e o perfume de todas as campânulas abertas em dlindlins, que é a música delas, quando começam a fechar-se ao sol-posto e se embalam para adormecer...

*in Trepadeira que Queria Ver o Céu Azul*

Edição: Europa-América

## Maria João

---

Maria João nasceu no Lubango aos 22 de Julho de 1960. Obras Publicadas: «A Gotinha Rebolinha» (1992), «A Escola e Dona Lata» (1993) e «As Quatro Histórias» (2004).



## A Viagem das Folhas do Caderno

Eu era caderno bonito. Tão bonito que, igual a mim, naquele armário, outro não havia. Tinha folhas brancas, salpicadas de florinhas, como um jardim florido no tempo das chuvas...

Vivia uma vida monótona e sombria, ninguém me queria levar à escola, lá onde muitos meninos e meninas me olhariam. Até agora, por mim passavam, olhavam as minhas folhas e ali deixavam ficar.

Aconteceu que, um dia, uma menina de olhos grandes e pretos, irrequietos, com uma cara tranquila, me levou na sua pasta.

O que de mim queria fazer?... Não sei... Nunca cheguei a saber, porque...

Deixem que eu conto:

Os dias foram passando. A minha dona nem atenção me prestava.

Os outros cadernos e livros comigo não queriam conversar.

Um dia, a minha dona deixou a pasta da escola aberta. Devagarinho, de mansinho, fui escorregando e saí. Uma grande ventania soprou forte, tão forte, espalhou as minhas folhas... Caderno, deixei de ser.

Um monte de folhas foi para junto a uma escola, onde uma menina, que não tinha caderno, as afagou e se sentiu feliz. Juntou-as e vestiu-me uma nova capa.

— Que bonitas folhas, cheias de flores coloridas e alegres! Quem as terá perdido?

MARIA JOÃO

– Não sei. Ninguém me prestava atenção. Escapei-me de uma pasta, onde uma menina me tinha arrumado... Ninguém queria conversar comigo. E, então resolvi fugir. Um vento mau apanhou-me e desfolhou-me. Ai! Que vai ser de mim, agora?!

– Ah! Que bom! Ficas a ser meu!

– E que vais fazer de mim?

– Vou pôr-te uma nova capa. Depois vou recortar-te e com as tuas lindas flores farei capinhas para os meus cadernos e vestidinhos para a minha boneca de papel. Ela vai ficar bonita...

E assim, deixei de ser caderno e passei a vestir uma boneca muito linda.

Um dia, a minha boneca foi à festa de uma amiga.

Depois vos contarei...

*in 4 Estórias*

Edição: INIC / 2003



## Raúl David

---

Raúl David nasceu em Benguela aos 23 de Março de 1918. Obras Publicadas: «Colonizados e Colonizadores» (1974), «Poemas» (1977), «Narrativas ao Acaso» (1981), «Cantares do Nosso Povo» (1987), «Brado Patriótico, Crónicas de Ontem Para Ouvir e Cantar, Comtra Lei e Pela Grei» (1988) e «Do Julgamento Tradicional dos Umbundus» (1997).



## A Palanca Vaidosa

A Palanca, animal de porte esbelto e ágil na carreira, sempre que ia ao rio para beber, mirava-se toda envaidecida, nas águas quietas e reluzentes. Via a sua figura por inteiro e virando-se para todos os lados, comentava as suas formas desta maneira:

“Que bonita eu sou e que linda armação eu tenho!

- Só é pena que as minhas pernas sejam tão esguias. Se assim não fosse, seria eu o animal mais bonito da minha espécie”.

E repetia este comentário todas as vezes que voltava ao rio, entretida durante horas, esquecida do tempo a passar.

Andou assim muito tempo até que, certo dia, enquanto estava entretida, falando sozinha, foi surpreendida por um Leão que andava por ali perto à caça. Cheia de medo, pôs—se a correr sem olhar para trás. E o Leão perseguia-a a galope. Quando atravessava uma mata muito fechada, ficou entalada pelos chifres no galho das árvores, ficando impedida de prosseguir na corrida. Entretanto, o Leão aproximou-se dela cada vez mais e, ao ver-se perseguida e sem esperança de se livrar, disse com tristeza:

“Ai, como eu andei enganada, gabando os meus chifres bonitos! Afinal as pernas, que sempre desprezei, mostraram-me agora a sua utilidade. Enquanto os chifres me perderam....”

Quando assim falava, chegou o Leão que a devorou.

*in Contos Tradicionais da Nossa Terra*

Edição: UEA / 1982

## A Águia e o Candimba (\*)

Conta a lenda que, em tempos idos, lá muito alto, quase perto das nuvens, a Águia via sempre o Candimba a trabalhar, em terra, de roda da sua casa, num vaivém constante.

Para poder ver de perto o trabalho do Candimba, resolveu visitá-lo um dia e depois de poisar à sua porta, saudou-o e meteu conversa desta maneira:

– Amigo candimba, tenho observado, lá de cima, as voltas que dás, entrando e saindo da tua casinha, sempre atarefado o dia inteiro. Porque será este movimento todo? – perguntou.

– Hum!... ando a cortar lenha para me defender do frio minha amiga, respondeu o Candimba. É por isso que me vês com este machado nas mãos.

– E a propósito de machado; o cabo do meu está partido. Não me emprestas o teu, Candimba?

– Emprestar, emprestava; mas como é isso possível se tu moras tão longe, lá no alto? Como e onde te irei procurar?

– Sossega quanto a isso; porque logo que esteja servida virei cá trazê-lo.

O Candimba perante a promessa da Águia concordou, embora de má vontade. Entretanto, o tempo foi passando e a Águia nunca mais apareceu com o machado que pedira emprestado.

Numa manhã de sol, estando o Candimba ainda dentro de casa, sentiu lá fora os passos lentos de alguém a chegar. Saiu para ver quem vinha e verificou que era o velho Cágado que se aproximava para o visitar.

– Seja bem-vindo, mais velho, disse-lhe o Candimba mostrando satisfação.

– Obrigado, mais novo, disse o Cágado.

Feitos os cumprimentos, entraram em conversa deste modo:

– Então como vai a tua vida, Candimba?

– Vai muito mal, respondeu ele. Calculo, mano, que há mais de um mês que estou passando frio sendo obrigado a tomar sol a esta hora como vês.

– Ora. Ora... disse o Cágado a rir. Essa do frio não me entra. Quem tem pêlos fartos como tu tens e boa lenha de redor da casa, como é que se pode queixar de frio?!...

– Passo frio, mano, porque a Águia esteve aqui e levou-me o meu machado emprestado e não há maneira de o devolver, nem tenho meios de poder reavê-lo.

– E quem te manda emprestar o que é teu àqueles que vivem no ar, lá tão alto?...

– É porque não desconfiava da vigarice dela, respondeu o Candimba, envergonhado pela censura do velho.

Bem, disse o Cágado. Vamos preparar uma armadilha que é fácil de montar para apanharmos a Águia aqui.

– Uma armadilha para apanhar a Águia, como?, perguntou Candimba.

– Sim, uma armadilha. Tens criação?

– Tenho cabritos, respondeu o Candimba.

– Pois bem, ainda melhor. Vai matar um cabritinho, aproveitas a carne e põe o bucho de parte. Pegas nele, metes-me lá dentro e

me sobre aquela pedra alta onde possa ser visto. A Águia, gulosa como é, tentará vir apanhá-lo. Nessa altura eu prendo-a pelo bico e tu vens amarrá-la. Podes ter a certeza de ser esta a melhor maneira de a apanhar.

O Candimbe assim fez e depois de tudo pronto, escondeu-se por trás duns arbustos, com a corda já preparada. Não tardou muito até a Águia aparecer esvoaçando por perto. Aos poucos, foi-se chegando cada vez mais e poisou. Olhou para os lados e como não visse ninguém foi bicando no bucho. O Cágado, ao se aperceber das bicadas, foi-se ajeitando de forma a encontrar posição para melhor a segurar com o rabo onde tem a pega e, às tantas, filou-a pelo bico, com toda a força e gritou:

- Candimba, Candimba, traz a corda depressa...

O Candimba que estava atento, saltou, saltou imediatamente com a corda e amarrou a Águia que depois de presa foi levada para casa, para julgamento.

- Então, Águia, onde estão meu machado?

A Águia desculpou-se que se tinha esquecido, que queria trazê-lo naquele mesmo dia, que isto e aqueloutro...

O Candimba e o velho Cágado intimaram-na a restituir o machado porque de contrário morreria. Mas como ela não tinha parentes na terra, a quem recorrer, não pôde cumprir a sentença e morreu no cativeiro por não ter fiador.

*in Contos Tradicionais da Nossa Terra*  
*Edição: UEA/1982*

## Yola Castro

---

Yola Castro nasceu em Luanda aos 29 de Janeiro de 1977. Obras Publicadas: «A Borboleta Colorida e a Linda Joanhina», Prémio Literário 16 de Junho (2000) e «Boneca de Pano» (2005).





## O Lápis de Cor Rosa

Ró era a quarta e última filha de um casal de operários que tinha um lindo jardim no seu quintal.

Desde muito cedo ela aprendera que Ró era o diminutivo de Rosa, que era a flor mais bonita do jardim e que Rosa também significava amor.

Todos os dias, o pai cuidava do lindo jardim que tinham no quintal e ela estava sempre por perto para o ajudar.

Ró já tinha quatro anos e, para além de conhecer as flores todas do jardim, também sabia fazer o “á” e contar os dedos das duas mãos.

João, o irmão mais velho, um dia depois das aulas, disse à mãe que tinha uma surpresa para Ró.

– Ela não está aqui. Vai vê-la no quintal, porque ela saiu em direcção ao jardim – disse a mãe para o filho.

– Ró, tenho uma coisa para ti, vem ver – gritou o irmão da porta.

– Já vou – respondeu levantando-se depressa e sacudindo a saia que trazia vestida.

Correu para junto do irmão e ao vê-lo com as mãos vazias...

– O que trouxeste para mim, anda, diz logo, que eu quero saber!  
– disse Ró curiosa.

– Vamos para casa, lavas as mãos e depois mostro-te.

Ró saiu largada em direção à casa, para lavar as mãos porque queria ver o que o irmão trouxera.

– Já lavei as mãos. Mostra-me já – disse ela ao sair da cozinha.

– Gostas de pintar? – perguntou o irmão.

– Gosto – respondeu rapidamente.

– Então tens aqui um livro com muitos desenhos e uma caixa com doze lápis de cor – disse ao entregar-lhe o que trazia escondido atrás de si. – Começa já a pintar, porque depois, quero ver como é que pintas!

Assim que o irmão deu costas, Ró puxou uma cadeira e colocou o livro e a caixa de cores sobre a mesa e começou logo a pintar.

Ró estava tão concentrada, que os outros irmãos, quando chegaram, tiveram de a beijar em vez do contrário, como era hábito.

João teve que explicar-lhes que Ró estava tão caladinha porque estava a pintar o livro que ele lhe oferecera.

Ró continuou a ter as outras brincadeiras e a ir para o jardim ver as flores, porque ainda lhe sobrava tempo para as outras coisas.

Uns dias depois, quando o irmão lhe pediu para ver o livro, ela respondeu:

– Só quando eu acabar de pintar.

– Não tínhamos combinado isso. Mas está bem, eu espero – disse o irmão em tom de brincadeira.

Todos os dias pintava um pouco e depois guardava o livro no sítio que só ela sabia. Certo dia, assim que o irmão chegou e perguntou o porquê de ela não estar a pintar, Ró respondeu:

– Porque já acabei.

Podias também usar o amarelo, o lilás e o vermelho, porque no nosso jardim temos flores com essas cores – disse João.

– Eu sei, mas pinte com essa cor, porque, de todos os lápis, o cor-de-rosa é o meu preferido. Também porque Rosa é o meu nome e a flor mais bonita do jardim e significa amor. Eu gostaria que todas as flores do mundo e que todos os lápis fossem de cor rosa –

disse Ró ao irmão.

– Quer dizer então que gostas muito da cor-de-rosa? – perguntou João.

– Gosto, porque, se cor-de-rosa significa amor, então é porque o lápis também pinta muito amor e o mundo devia ser pintado de rosa/amor, não achas?!

– Já reparaste que, com tudo isso, afiaste muito o lápis cor-de-rosa e ele está muito gasto? – perguntou o irmão olhando para o lápis que ela trazia na mão.

– Agora já sabes, que quando fores comprar uma caixa de cores para mim, ela tem que trazer dois ou três cores-de-rosa – disse ela.

– Está bem, não sei se será fácil encontrar uma caixa com tantas cores-de-rosa. Mas vou procurar.

Abanando a cabeça e virando-se para o resto da família, porque sabia que estavam todos atentos à conversa, João disse:

– Coisas de Ró

## As Duas Mangueiras

As gémeas Joana e Anita eram muito parecidas. Tinham quase sempre as mesmas preferências e eram pouquíssimas as vezes que se contrariavam.

Durante a semana, enquanto os pais trabalhavam, elas ficavam na escola. Por isso, ao fim de semana, quando os pais se encontravam em casa, aproveitavam para fazer compras, passear ou ir até à casa dos avós paternos, apanhar frutas no grande pomar.

Era sábado de manhã e elas estavam na companhia dos pais à espera da boleia que os levaria até à casa dos avós.

A boleia chegou minutos depois. Pelo caminho, elas não paravam de falar.

– Eu gosto muito de mangas, abacates e goiabas – dizia a Joana.

– Eu gosto de papaia, fruta pinha, maboque e laranjas. São frutos muito suculentos e ricos em vitaminas. Não quer dizer, que não goste de outras. Estas são as minhas preferidas – dizia a Anita.

– Na verdade tudo o que é fruta é minha preferida. São todas tão boas, que já não sei qual é a melhor – acrescentou a Joana.

O carro deixou-as no portão. Mal cumprimentaram os avós, correram em direcção ao pomar e começaram apanhar as poucas frutas que se encontravam espalhadas pelo chão.

O avô seguiu-as muito satisfeito.

– Calma, meninas. Temos tempo suficiente para a colheita. Andem cá que tenho uma surpresa p'ra vocês – disse o avô. – Vêem isto aqui? – perguntou. – São dois pés de manga. Um para a Joana e outro para a Anita. Quando chegarem a casa plantem no vosso quintal e procurem cuidar muito bem deles. Se assim o fizerem, no futuro dar-vos-ão mangas docinhas e saborosas – disse o avô.

– Obrigada! – agradeceram enquanto seguravam nas plantas.

Procuraram um sítio seguro e guardaram os pezinhos enquanto estariam na colheita.

Com um ferro, o avô foi sacudindo os troncos mais baixos, deixando cair as frutas mais maduras, que elas recolhiam.

A cada movimento do avô, caíam quantidades de fruta que as meninas até ficavam sem saber para onde correr. – É minha! – gritava uma.

– Corre p'ra lá e apanha aquelas! – gritava a outra. Durante algum tempo, correram para apanhar as mais variadas peças de fruta.

Depois da colheita, arrumaram a fruta em cestos e levaram para o carro não se esquecendo dos pezinhos de manga. Depois de tudo arrumado, despediram-se dos avós e foram para casa muito satisfeitas e contentes.

Quando chegaram a casa, lavaram e arrumaram a fruta toda na cozinha e correram para o quintal, para enterrar as pequenas plantas.

Cada uma delas tinha a preocupação de cuidar do seu pezinho de manga. Mas Joana parecia ser mais cuidadosa e atenciosa com a planta dela. Os dois pezinhos foram crescendo e, enquanto pequenos, não se diferenciavam muito.

Num dia de mau tempo, o vento soprou tanto que deixou as plantas meio tortas. Joana mal acordou e deparou com aquele triste cenário, preocupou-se em arranjar um pau e amarrou-o ao pezinho de manga para o endireitar. Anita só tempos depois se lembrou de fazer o mesmo.

O tempo foi passando e as plantas crescendo. A certa altura, Joana tirou o pau e a árvore estava direita e muito bonita.

Anita também resolveu tirar o pau que tinha amarrado na árvore mas, o esforço foi em vão. As mangueiras continuaram a crescer. Tempos depois, começaram a florir e a dar os primeiros frutos.

A árvore da Joana estava carregada de mangas. Já a da Anita tinha poucas mangas e, sempre que lhe batesse um vento forte, quase que a arrastava consigo, deixando cair as mangas ainda verdes.

Certo dia, o pai deu-lhes as mãos e conduziu-as até ao quintal.

- Joana e Anita, vi os vossos esforços para que estas mangueiras fossem o que são. Joana, a tua árvore está muito bonita e quero ser o primeiro a comer um fruto. Tu, Anita... A tua poderia estar melhor. Mas, porque te esqueceste das coisas que o pai te disse para manter o pomar na casa dos avós, a tua mangueira é torta e um pouco triste. Regar, podar, amarrar um pau para não permitir a sua inclinação com a força do vento, apanhar as folhas secas e conversar com elas, é tudo o que as plantas precisam para um desenvolvimento sadio - disse o pai.

E acrescentou:

- Apanha algumas e leva-as porque quero ser o primeiro a provar do fruto. Não quero que fiques triste, mas sim que aprendas a fazer o melhor pelas coisas de que gostas. Se realmente gostas de frutas como dizes, devias tratar bem a mangueira.

- Obrigada, pai! Prometo que, sempre que tiver a tarefa de cuidar de algo, farei o melhor para mostrar o verdadeiro valor que isso tem p`ra mim- disse ela.

- Não quero que prometas antes que o faças. Vamos para casa que ainda hoje vão receber mais uma ocupação...

Os Três abraçaram-se e, de seguida, apanharam algumas mangas para o almoço que estava pronto.

A BONECA DE PANO

## ÍNDICE





<b>Abreu Paxe</b> .....	7
<b>Costa Andrade</b> .....	13
O Castigo da Raposa .....	15
<b>Cremilda de Lima</b> .....	19
O Aniversário de Vavô Imbo .....	21
O Nguiko e as Mandiocas .....	24
<b>Gabriela Antunes</b> .....	31
Kibala, o Rei Leão .....	33
<b>Henrique Guerra</b> .....	37
O Caçador, o Jacaré e a Pedra Negra .....	38
<b>Jorge Macedo</b> .....	49
As Aventuras de “Jójó” (...) .....	51
Jójó, o Menino de Olhos de Bimba .....	54
A Noite, a Árvore e o Passarinho (...) .....	57
<b>José Samwila Kakweji</b> .....	61
A Lebre e o Mocho .....	63
A Águia e as Galinhas.....	65

<b>Jonh Bella</b> .....	67
A Canção Mágica .....	69
<b>Maria Celestina Fernandes</b> .....	75
Os Dois Amigos .....	77
As Três Aventureiras .....	79
<b>Maria Eugénia Neto</b> .....	85
O Bicho das Patas Mil .....	87
A Trepadeira que Queria Ver o Céu Azul .....	90
<b>Maria João</b> .....	93
A Viagem das Folhas do Caderno .....	95
<b>Raúl David</b> .....	97
A Palanca Vaidosa .....	99
A Águia e o Candimba (*) .....	100
<b>Yola Castro</b> .. ..	103
O Lápis de Cor Rosa .....	105
As Duas Mangueiras... ..	108

## Glossário

Kazumbi - fantasma

Nguiko – pau de bater funge

